

EL



EDUARDO GIANNETTI  
FERNANDA MAGNOTTA  
FRAN WINANDY  
HELOISA STARLING  
ISABEL CORRÊA DA SILVA  
JAIME SPITZCOVSKY  
JOHN HOWKINS  
MARCOS MENDES  
OLAVO NOGUEIRA FILHO  
VINÍCIUS MÜLLER  
WALTER LONGO

WWW.UMBRASIL.COM

UM

# UM BRASIL

ANÁLISES E SOLUÇÕES PARA MODERNIZAR O PAÍS



UM BRASIL | ANÁLISES E SOLUÇÕES PARA MODERNIZAR O PAÍS #9

AS INDEPENDÊNCIAS DO BRASIL

RAÍZES DA DESIGUALDADE

VÍCIO EM DESPESA PÚBLICA

EDUCAÇÃO POLÍTICA

ESG

REFORMAS ADIADAS

NOVO TABULEIRO GEOPOLÍTICO

POLARIZAÇÃO EXTREMADA

ECONOMIA CRIATIVA

---

A plataforma UM BRASIL é uma realização da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade que representa mais de 1 milhão de empresários e empresárias, bem como responde por mais de 10 milhões de empregos e aproximadamente 30% do Produto Interno Bruto (PIB) do País.

Desde 2014, os mais de 500 conteúdos multimídia produzidos pelo canal estimulam reflexões que tenham como propósito contribuir para as transformações do País. As entrevistas e os debates reúnem as impressões de intelectuais, executivos, empreendedores e acadêmicos dispostos a analisar os problemas da Nação e buscar soluções de forma plural e suprapartidária.

Ao discutir alternativas para um crescimento inclusivo e sustentável, o UM BRASIL abre frentes de participação da FecomercioSP com atores dos setores público e privado e do terceiro setor.

Para saber mais, acesse [www.umbrasil.com](http://www.umbrasil.com)



@canalumbrasil

INSCREVA-SE E PARTICIPE DO DEBATE

#9

# UM BRASIL

ANÁLISES E SOLUÇÕES  
PARA MODERNIZAR O PAÍS

---

[WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM)

# UM BRASIL PRÓSPERO E POSSÍVEL

**ABRAM SZAJMAN**

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços  
e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP)

---

O caminho para a ampliação da consciência social passa pelo conhecimento, pelo acesso à informação e (por que não?) pela ponderação do contexto histórico dos fatos que moldam, ao longo dos anos, o percurso de uma sociedade. Quando inserido em uma esfera qualificada de debates, este discernimento coletivo influencia, de maneira significativa, a elaboração de propostas para o desenvolvimento de uma nação.

Idealizado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) em 2014, o **Canal UM BRASIL** se tornou um espaço aberto de reflexão e reverberação de temas caros ao País. É, atualmente, peça essencial do trabalho de representação dos setores que mais empregam no Brasil. Cientes do nosso compromisso com a sociedade enquanto porta-vozes de quem responde por 10% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, em mais de oito décadas de atuação, não nos furtamos em cobrar eficiência do Poder Público. O propó-

sito é que possamos produzir mais e distribuir melhor as nossas riquezas.

Na coleção de publicações multimídia de **UM BRASIL**, questões pontuais ganham profundidade. Debatem os entraves do ambiente de negócios nacional, o peso estatal na economia, a inovação e a transformação digital, a qualidade da democracia, a eficácia dos gastos públicos, a modernização do Judiciário, a educação, o futuro do trabalho, as práticas ESG, a identidade nacional, entre outros aspectos que compõem a realidade brasileira contemporânea. São assuntos que, em muitas oportunidades, norteiam nossos pleitos por serviços públicos mais eficientes. Em outras palavras, pensar a Nação passou a ter um significado muito mais abrangente.

Eis o propósito que permeia a representação empresarial na sua essência: entender as necessidades de um país e – por meio da interlocução com o setor empresarial e os governos e do apoio da sociedade civil – propor uma agenda positiva com alternativas viáveis à construção de um futuro mais justo.

# CONTRASTES E PROMESSAS

**GUILHERME BAROLI**

Diretor de Conteúdo do Canal UM BRASIL

As preocupações da sociedade não mais se limitam às suas fronteiras geográficas ou a áreas específicas de atuação. Empresas, pessoas e governos estão interconectados, em constante interação e sendo cobrados quanto às demandas do mundo contemporâneo.

Organizações se veem diante da necessidade de sintonizar lucro com propósito e responsabilidade, como uma resposta a indivíduos cada vez mais atentos aos posicionamentos. Isso tudo em um tempo impactado pela eclosão de uma pandemia que desorganizou (e reorganizou) elementos cruciais do cotidiano, como os modos de trabalho e o convívio coletivo.

Daí a crescente atenção da classe empresarial com o conceito ESG. Cunhado em 2004 pelo Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), o termo ainda é novo para muitos. Contudo, aos poucos, se consolida, tornando-se mais do que um ajuste de imagem. Os três critérios, social, ambiental e de governança, antes observados de maneira isolada (ou nem sequer observados), foram alçados a um papel preponderante, sobretudo em análises de riscos e decisões de investimento.

O Brasil, apesar de ainda trilhar os primeiros passos nesta jornada, possui terreno fértil para figurar entre os protagonistas de uma tendência cada dia mais concreta. Ainda assim, carecemos de ajustes sociais, ambientais e de governança em todos os setores. E se uma das premissas para encarar estes desafios transversais é a criatividade, temos motivos para atestar que uma virada de chave seja possível. Afinal, historicamente somos pródigos em superar adversidades – ainda que convivamos com muitas fragilidades. Somos um país repleto de contrastes e promessas, como se constata nas páginas a seguir.

Neste sentido, esta publicação do **Canal UM BRASIL**, lançada em 2023, procura registrar alguns dos aspectos mais evidentes da atualidade. Discutimos a necessidade de rearranjos em todas as esferas da sociedade organizada. Falamos sobre desigualdades, eficiência dos gastos públicos, importância da educação política, sustentabilidade, economia criativa e inovação, geopolítica, etarismo e oportunidades que se aproximam com a nova realidade do metaverso. No contexto do Bicentenário da Independência do Brasil, celebrado no ano passado, trazemos um resgate histórico sobre o processo de separação de Portugal, jogando luz ao protagonismo de notáveis personagens femininas, ignoradas na conquista da nossa soberania.

O conteúdo reflete a complexidade multipolar do século 21, que pode ser compreendida com profundidade no ensaio especial

produzido pelo jornalista especialista em política internacional e colaborador do canal, Jaime Spitzcovsky.

Diante de tantas mutações que nos proporcionaram mais prosperidade, é fato também que a humanidade demorou para se dar conta do tamanho da ameaça que criou à medida que foi transformando as condições de vida, como assinala o economista e filósofo Eduardo Giannetti, que nos brinda com um olhar crítico na forma de lidar com as crises atuais, o qual poderá nos abrir novas perspectivas deste mundo que se descortina.

Perspectivas essas que exigirão vontade e comprometimento, pois, como bem pondera Giannetti, o tão sonhado futuro é incerto: “Não é destino, vamos ter de construí-lo – e vai dar trabalho”.

Uma boa leitura.

12  
MARCOS  
MENDES

Planejamento de  
políticas públicas

18  
HELOISA  
STARLING +  
ISABEL CORRÊA  
DA SILVA

Os 200 anos da  
Independência sob  
novas perspectivas

28  
EDUCAÇÃO  
POLÍTICA

Iniciativas para  
melhorar a qualidade  
da democracia

36  
VINÍCIUS  
MÜLLER

Causas e consequências  
da desigualdade  
brasileira

48  
FERNANDA  
MAGNOTTA

Nova ordem  
geopolítica

54  
ENSAIO  
JAIME  
SPITZCOVSKY

A multipolaridade  
do século 21

62  
JOHN  
HOWKINS

Criatividade como força  
motriz do trabalho

66  
EDUARDO  
GIANNETTI

A ideia de felicidade na  
história e na filosofia

80  
OLAVO  
NOGUEIRA  
FILHO

Impactos da pandemia  
na educação

84  
ESG

Sustentabilidade no  
*front* dos negócios

98  
WALTER  
LONGO

Tendências da  
transformação  
digital

108  
FRAN  
WINANDY

Os benefícios da  
diversidade etária



APONTE O  
CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA  
EM VÍDEO

# VÍCIO EM DESPESA PÚBLICA

ENTREVISTA RENATO GALENO

O BRASIL CARECE DE POLÍTICAS PÚBLICAS ESTRUTURADAS. UMA DAS RAZÕES PARA ESTA DIFICULDADE É O PODER EXCESSIVO CONCEDIDO AO CONGRESSO NO CONTROLE DO ORÇAMENTO DA UNIÃO, FATO QUE TEM COMO CONSEQUÊNCIA UMA PROFUNDA FALTA DE CRITÉRIO NO PLANEJAMENTO DOS RECURSOS PÚBLICOS. A OPINIÃO É DO ECONOMISTA **MARCOS MENDES**, UM DOS AUTORES DA PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO (PEC) 95/16, QUE IMPLEMENTOU O TETO DE GASTOS. A ENTREVISTA FOI REALIZADA DURANTE A CONFERÊNCIA BRASA EM CASA 2022.



Foto: Fabiano Battaglin

O SENHOR DIZ QUE O CONTRATO SOCIAL NO BRASIL PODE ESTAR CHEGANDO AO LIMITE. POR QUÊ?

Com a Constituição de 1988 e a redemocratização, criamos um modelo de Estado que tenta resolver todos os conflitos sociais. Nós temos uma sociedade muito desigual – e em sociedades desiguais, as pessoas têm perspectivas e necessidades diferentes. Aquele muito pobre quer a transferência de renda e a assistência social, enquanto o grande empresário quer benefícios fiscais e a classe média, uma aposentadoria precoce e bem remunerada. Há divergência de demandas, e a tendência é que estes diferentes grupos entrem em conflito, buscando a prevalência de seus interesses. O que nós construímos no Brasil foi um Estado que coloca “panos quentes” em tudo. Se o pobre quer assistência social, nós damos assistência social. Desde a ditadura, mantivemos uma série de benefícios fiscais de proteção às empresas e ao grande capital. Mantivemos os privilégios da classe média alta, por exemplo, empregos bem remunerados nas grandes empresas estatais. Nós fomos apaziguando o conflito social e, com isso, conseguimos solidificar a democracia, porque os conflitos não aconteciam. Contudo, isso tem um custo, e para pagá-lo, começamos a emitir moeda e veio a hiperinflação. O Plano Real acabou com a hiperinflação, foi necessário fazer um ajuste fiscal e pagar isso de outra forma. A despesa continuou subindo para pagar todos esses benefícios; para compensar, começamos a subir a carga tributária. Por volta de 2007, a sociedade começou a dar sinais de que não queria pagar mais impostos e que a carga tributária estava muito alta, mas as despesas, as pressões e as demandas continuavam subindo. Para manter o contrato social, começamos a nos endividar. Em determinado momento, a dívida chegou ao limite. Então, não temos como financiar esse contrato social. E não temos para onde ir, porque continuamos dobrando a aposta em buscar benefícios para grupos específicos da sociedade. As matérias que tramitam no Congresso Nacional são todas em busca desses benefícios específicos, de modo

a não ter mais dinheiro para pagar. E a nossa classe política, os grandes grupos, continuam apostando no mesmo modelo. Isso gerou uma estagnação econômica, estamos entrando em um círculo vicioso.

COMO FICAM AS EMENDAS PARLAMENTARES NESTE DEBATE DE RECURSOS EMPREENDIDOS SEM CRITÉRIO?

Vamos olhar para outra dimensão do nosso pacto social: a dimensão política. O que foi criado com a Constituição de 1988? Um sistema presidencialista, em que o presidente tem a iniciativa das políticas públicas e, portanto, a responsabilidade por estas. No entanto, também criamos um parlamento com muito poder de veto às ações do presidente da República. Foram necessários instrumentos, alguns um pouco tortos, para manter a governabilidade do presidente. Um deles foi a emenda parlamentar, pois havia outra característica do nosso sistema político: a fragmentação partidária. Então, o presidente eleito sem maioria no Congresso tem de criar essa maioria. Um dos instrumentos é retribuir com emendas os parlamentares que votam junto com o governo. O modelo funcionou relativamente bem, até o momento em que houve uma presidente da República que buscou não trabalhar de forma cooperativa com o Congresso e confrontá-lo: Dilma Rousseff. A resposta do Congresso foi: “Se não vou participar do governo, se não terei voz ativa, nem cargos, tampouco posição em ministérios, então vou trazer o orçamento (da União) para mim”. As emendas parlamentares, que não eram obrigatórias, assim se tornaram. As emendas de bancada, idem. E cresceram de valor. Essas emendas se tornaram não só obrigatórias, como maiores. Num segundo momento, veio o presidente Jair Bolsonaro, com a mesma postura de confrontar o Congresso, na primeira fase do governo. O Congresso disse: “Tudo bem, continuamos avançando sobre o orçamento”. Foram criadas as emendas de relator e as chamadas “emendas PIX”, em que o parlamentar envia o dinheiro direto para a conta da prefeitura, sem fiscalização.

#### **E O VOLUME DE EMENDAS AUMENTOU TAMBÉM, NÃO?!**

O volume dobrou. Hoje, aproximadamente um terço da despesa não obrigatória da União é determinado por emendas parlamentares. É uma parcela imensa. Nos Estados Unidos, esse tipo de emenda representa 2,4% do orçamento não obrigatório, já tirando as despesas com defesa, que são muito grandes por lá. Em Portugal, eles estão desesperados, porque esse tipo de emenda está crescendo – já foram aprovadas em torno de 300. Aqui, no Brasil, são 7 mil emendas por ano. Não existe outro lugar no mundo com um sistema tão torto de emendas orçamentárias como no País.

#### **ISSO NÃO AFETA O TRABALHO DO PODER PÚBLICO PARA FREAR POLÍTICAS PÚBLICAS INCOERENTES?**

É isso o que está acontecendo. Todos os dias, vemos emendas parlamentares para asfaltamento, e o asfalto derrete quando faz sol. Estão mandando kits de robótica para escola que não tem água, luz e banheiro. Estão colocando caminhões de lixo com capacidade para operar em cidades grandes em municípios de 5 mil habitantes. Tudo isso é desperdício, dinheiro gasto que não se torna serviço efetivo à população.

#### **QUAL É A IMPORTÂNCIA DO TETO DE GASTOS?**

O regime fiscal antes do teto era o seguinte: quero gastar com “A”, quero gastar com “B” e tenho uma metade do resultado primário para atingir. Então, eu superestimo a receita, coloco “A” e “B” e, depois, na hora de dizer isso ao País, brigamos para ver como é que fica. A ideia do teto constitucional foi: “Olha, o orçamento tem de ser feito dentro do teto, a execução tem que ser feita dentro do teto, e, portanto, a classe política precisa vir a público dizer se vai querer gastar mais com ‘A’ ou mais com ‘B’”. Confesso que fui um pouco inocente achando que ninguém teria coragem de tirar dinheiro da saúde para injetar em emenda parlamentar, por exemplo. Em uma sociedade viciada em gasto público, a pressão contra o teto é muito grande. Houve deteriorações do campo político e da governança tão grandes que não está havendo a

menor vergonha em passar por cima e atropelar qualquer regra fiscal. Estamos em um processo de deterioração institucional muito forte.

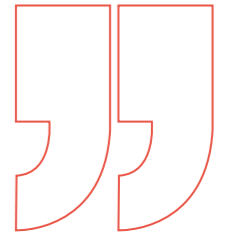
#### **NO PLANO ORIGINAL, O TETO SERIA REVISADO DEZ ANOS DEPOIS DA SUA CRIAÇÃO. CONTUDO, MUITAS BRECHAS TÊM SIDO CRIADAS NA TENTATIVA DE DRIBLAR ISSO. O QUE DEU ERRADO?**

O teto foi calibrado no momento em que foi criado, em 2016, sob a perspectiva de qual é o ritmo de despesa que precisamos ter para controle da dívida pública, para que a taxa de juros caia e, portanto, haja mais condições de crescimento econômico. Então, o teto era um termômetro. A partir daí, seria necessário uma série de reformas para travar o crescimento da despesa, pois boa parte dela é obrigatória, como previdência, assistência social e funcionalismo. São despesas obrigatórias que crescem de forma autônoma. Além da Reforma da Previdência, era necessário repensar os diversos programas sociais, elaborar uma Reforma Administrativa e trabalhar programa por programa para racionalizar o gasto público. Isso não foi feito, e a pressão foi sendo colocada. Nós temos uma deterioração, um problema institucional grave, que está causando um rompimento de um compromisso da sociedade em estabilizar as suas finanças. E só não estamos sentindo isso no curto prazo porque a guerra na Ucrânia elevou o preço das commodities e aumentou a arrecadação no Brasil. Uma perspectiva correta seria saber que esses preços das commodities vão cair no futuro e teremos dificuldades. Precisávamos fazer uma poupança prévia e reduzir a dívida pública, porque, quando os preços das commodities caírem, teremos problemas sérios.

#### **NO DEBATE SOBRE O TAMANHO DO ESTADO, O SENHOR AFIRMA QUE O PROBLEMA É O GASTO, QUE É RUIM. HÁ NÚMEROS QUE DEMONSTRAM ISSO?**

Uma carga tributária de 34% do Produto Interno Bruto (PIB) é muito maior do que a dos outros países emergentes. Nós temos uma das maiores dívidas públicas entre essas nações.

## O CRESCIMENTO ECONÔMICO É, BASICAMENTE, UMA QUESTÃO DE CAPITAL HUMANO, DE A MAIORIA DA SOCIEDADE TER CONDIÇÕES DE CONTRIBUIR, INOVAR OU CONSEGUIR TRABALHAR COM NOVAS TECNOLOGIAS.



Gastamos cerca de 13% do PIB com todos os programas de assistência social, previdência e assistência ao trabalho, enquanto os emergentes gastam 6%. Arrecadamos muito e gastamos muito, mas fazemos isso muito mal. Temos uma série de programas sociais que não diminuem a pobreza e gastam excessivamente. A despeito da Reforma da Previdência, ainda temos um déficit muito grande. Temos, no Brasil, uma tradição de cada um querer o seu benefício. Esta pressão cresce quando a carga tributária fica mais alta. Por um lado, temos um sistema tributário pesado, complicado, que gera uma séria ineficiência e trava o crescimento da economia. Por outro, o das despesas, há programas muito mal-alinhados e que não geram qualidade de serviços entregues na ponta.

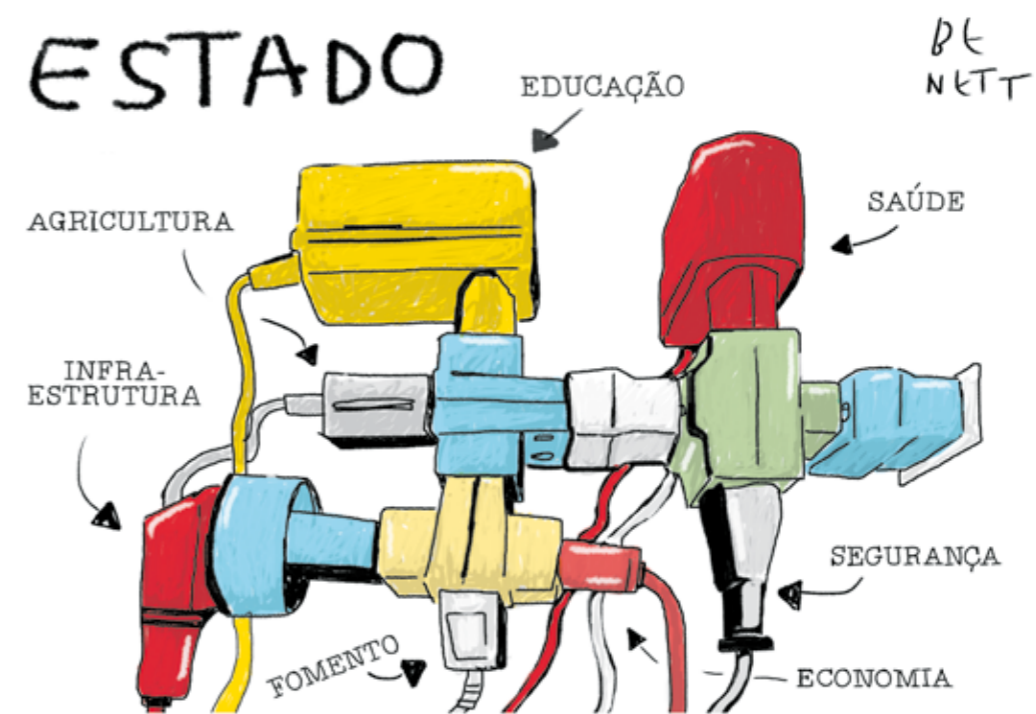
#### **É POSSÍVEL, PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA, CRIAR CONDIÇÕES AO DESENVOLVIMENTO OU ESTAMOS NUMA ARMADILHA DA QUAL NÃO É POSSÍVEL SAIR?**

Em relação à América Latina, e ao Brasil em particular, existe um diagnóstico já razoavelmente consolidado de que a nossa vocação durante o período colonial para fazer uma produção exportadora, baseada no latifúndio e no trabalho escravo, gerou uma estrutura social e uma cultura em que não havia preocupação com a educação

e com o capital humano, porque o trabalho escravo bruto não precisava de educação. Foi criada uma cultura de privilégios, em que os poucos ricos desenharam um Estado destinado a manter suas benesses e de sua família. É uma herança difícil de quebrar. O crescimento econômico é, basicamente, uma questão de capital humano, de a maioria da sociedade ter condições de contribuir, inovar ou conseguir trabalhar com novas tecnologias. O crescimento vem do aumento de novas tecnologias, aumento de produtividade, e as pessoas têm de estar preparadas para trabalhar com isso. Em sociedades nas quais não há educação, existe apenas uma parcela muito pequena que pode contribuir para o crescimento econômico. Essa sociedade tende a ter mais dificuldade. Então, para fazer uma sociedade inclusiva, em que todo mundo tenha acesso à educação e à capacidade de se inserir e contribuir, é necessário uma sociedade unida, as pessoas precisam ter os mesmos objetivos. Isso é muito difícil num país como o Brasil. Mudar a mentalidade de uma população é difícil, mas não impossível. Precisamos de lideranças políticas capazes de passar esta mensagem, lideranças capazes de escapar do populismo de curto prazo e que atendam às demandas imediatas. Este debate deve ser feito no jogo democrático. Não é fácil, mas possível.



# ESTADO



AS



## AS VÁRIAS INDEPENDÊNCIAS DO BRASIL

ENTREVISTA RENATO GALENO



APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO

Foto: (1) Fernando Rabelo; (2) Divulgação

B

AS COMEMORAÇÕES DOS 200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL PROVOCARAM DISCUSSÕES ACERCA DO DESENVOLVER DO PROCESSO DE SEPARAÇÃO DE PORTUGAL SOB OS PONTOS DE VISTA POLÍTICO, ECONÔMICO E, PRINCIPALMENTE, SOCIAL. AO JOGAR LUZ SOBRE ASPECTOS POUCO RECONHECIDOS PELA HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL, AS HISTORIADORAS **HELOISA STARLING** E **ISABEL CORRÊA DA SILVA** AFIRMAM QUE A INDEPENDÊNCIA FOI UM MOVIMENTO FUNDADO NAS MANUTENÇÕES DA ESCRAVIDÃO E DA MONARQUIA. SOBRE O PAPEL DE PERSONAGENS IGNORADOS NA CONQUISTA DA NOSSA SOBERANIA, HELOISA LEMBRA QUE AS MULHERES QUE ASSUMIRAM PROTAGONISMO NAQUELE MOMENTO CONSTITUÍRAM A MATRIZ DO ESFORÇO FEMININO PARA TER VOZ PÚBLICA.

INDEPENDÊNCIAS

**O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL FOI DIFERENTE DO OCORRIDO NOS DEMAIS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL. QUAIS FORAM AS CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS DESTA FORMA DE AUTONOMIA BRASILEIRA EM RELAÇÃO AOS NOSSOS VIZINHOS, QUE SE TORNARAM REPÚBLICAS DESDE O COMEÇO?**

HELOISA STARLING – Houve outro projeto de independência ocorrido no Brasil, a Revolução de 1817, em Pernambuco, com a instalação da república no Recife. Houve adesão do Estado do Ceará, o que abriu o ciclo revolucionário da Independência até o ano de 1824, com a Confederação do Equador. Então, se olharmos para a Independência do Brasil, de costas para o riacho do Ipiranga, em São Paulo [*local considerado o da proclamação da Independência por Dom Pedro I*], mas de frente para o Brasil, vamos encontrar este projeto dos republicanos de Pernambuco que dialoga, inclusive, com os procedimentos adotados na antiga América Espanhola. Pernambuco está muito interessado nas formas republicanas herdadas da Revolução Americana de 1776, nos Estados Unidos. O projeto vitorioso, capitaneado por Dom Pedro I, está na base da formação do Estado Nacional. É um projeto fundado na manutenção da escravidão, na manutenção da monarquia e um processo muito violento de guerras, principalmente nas províncias do Norte e do Sul do País, para tentar manter a unidade do que hoje chamamos “Brasil”. Esta é uma das razões pelas quais nós estamos vendo a história só por um lado. Talvez valha a pena olharmos para além do Ipiranga.

**QUAL FOI O PAPEL DE DOM PEDRO I AO CONSEGUIR COLOCAR DUAS CRIANÇAS, MARIA, QUE SERIA MARIA II EM PORTUGAL, E PEDRO, QUE SE TORNARIA DOM PEDRO II, COMO MONARCAS EM DOIS DIFERENTES ESTADOS?**

ISABEL CORRÊA – Dom Pedro não foi rei de Portugal. Ele foi rei de Portugal e do Brasil durante quase dois anos. Quando D. João VI morre [*em 1826*], Dom Pedro é o natural sucessor do

pai no Reino de Portugal e imperador do Brasil já desde 1822. O acordo foi a indicação da sua filha, sendo que a condição para isso era o casamento dela com Dom Miguel, irmão dele. Contudo, Dom Miguel chega a Portugal e convoca a corte portuguesa à moda do antigo regime, que o consagra rei. A historiografia portuguesa chama este ato de “Dom Miguel de usurpação”.

**HELOISA, FALANDO EM PERSONAGENS NÃO TÃO CONHECIDAS DA NOSSA HISTÓRIA, VOCÊ PODE FALAR SOBRE O LIVRO QUE REÚNE MULHERES IMPORTANTES PARA A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?**

HELOISA STARLING – O livro *Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá* [*editora Bazar do Tempo, 2022*], escrito em parceria com Antônia Pelegrino, veio da ideia de reunir um conjunto das mulheres que tentaram atravessar aquela que seria a fronteira mais proibida para elas: a política. Essas mulheres formam a matriz de um esforço, uma luta para atravessar essa fronteira e ter voz pública. Talvez a matriz esteja nessas mulheres que atuaram na Independência. Há o perfil de Hipólita Jacinto de Melo, que participou da Conjuração Mineira e chama para a resistência e a luta armada em Minas, dando ordens aos chefes militares da Inconfidência. Depois, tem Barbara Alencar, uma mulher no centro da República, em 1817, em Crato (CE). Ela espera terminar a missa no domingo e chama o povo para proclamar a República na cidade. Quando foi presa, as autoridades portuguesas a acorrentaram na sela de um cavalo e a levaram de Crato a Fortaleza, desfilando pelas vilas para que ela fosse humilhada. Ela fica muito tempo presa na capital cearense e, quando volta, participa da Confederação do Equador. O padrão é de mulheres muito fortes neste sentido. Tem Maria Felipa, estrategista militar que monta um grupo de 40 mulheres na Bahia para impedir o desembarque das tropas portuguesas. É uma figura fantástica, interessantíssima; só recentemente foi possível comprovar que ela, de fato, existiu. Tem Maria Quitéria e uma ou-

tra personagem muito legal, Ana Lins, que comanda a última batalha da Confederação do Equador – além de outras que contam a história, como dona Leopoldina, mulher de Dom Pedro I. A mulher politizada é a mulher que se intromete em assuntos que não lhe dizem respeito. Independentemente da agenda que essa mulher carrega, ela é alvo de uma modalidade bem definida de controle e repressão. Os vestígios de sua presença política são desfeitos – e, com isso, desaparece a possibilidade de sua participação ser reconhecida em determinado acontecimento. A mulher é, no máximo, uma sombra. Ela está fora do acontecimento político. O Brasil era só uma ideia de país buscando se tornar realidade entre o fim do século 18 e o início do 19. Todavia, a vedação de acesso da mulher ao mundo público foi de tal forma enraizada na sociedade que se mantém no centro da desigualdade de gênero até hoje. As mulheres que assumiram protagonismo no mundo público ao tempo da Independência constituíram, talvez, a matriz de uma luta constante para construir e consolidar esse protagonismo no tempo da história. Para as brasileiras, dentre todas as fronteiras, a da política será a mais difícil de transpor – continua assim até hoje. Superar esta barreira significou, de imediato, lutar para conquistar o direito à participação política. E se o ponto de partida foi este – a conquista da cidadania –, então, o circuito da exclusão começou a ser quebrado ainda no fim do século 19, com participação das mulheres no movimento abolicionista, entre 1868 e 1888.

**E O VOTO FEMININO?**

HELOISA STARLING – Conquistar o direito ao voto foi essencial para as mulheres. Significou o reconhecimento público de que tinham condições idênticas aos homens para exercer a gestão da comunidade política, possuíam visão de mundo e interesses próprios e estavam aptas a criar políticas públicas. Levou tempo: o Código Eleitoral de 1932 estabeleceu o voto, mas facultativo; as mulheres só se iguaram aos homens na conquista do direito a votar pela

Constituição de 1946, quando o alistamento feminino se tornou obrigatório. Conquistar o direito de voto foi essencial também por outra razão: as mulheres entenderam, de uma vez por todas, que direitos são convincentes porque ressoam dentro de cada um. Por isso, demandam uma participação ativa daqueles que os detêm, e ainda que não resolvam todas as questões, emprestam urgência a algumas delas. E a luta contra a desigualdade de gênero demanda urgência.

**AVANÇANDO UM POUCO NA HISTÓRIA, DURANTE GRANDE PARTE DO SÉCULO 19, ENTRE 1822 E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, EM 1889, O BRASIL FOI UMA MONARQUIA CONSTITUCIONAL, DE MANEIRA DIFERENTE DAS IMAGINADAS, PORQUE HAVIA O PODER MODERADOR, QUE TAMBÉM ERA DO PODER EXECUTIVO. EM COMPARAÇÃO ÀS REPÚBLICAS LATINO-AMERICANAS VIZINHAS DO BRASIL E À SÉRIE DE PRONUNCIAMENTOS E GOLPES MILITARES, QUE SEGUIDAMENTE ACONTECERAM NESSES PAÍSES, É FATO QUE, PELO MENOS ENTRE AS MONARQUIAS EUROPEIAS, O BRASIL ERA CONSIDERADO UM REGIME MAIS ESTÁVEL DO QUE OS VIZINHOS NA AMÉRICA DO SUL?**

ISABEL CORRÊA – É aquilo que Heloisa estava dizendo na primeira pergunta: há várias maneiras de olhar para a Independência do Brasil, seja de costas para o Ipiranga, seja de frente para o Ipiranga. No entanto, a questão é que o projeto republicano era alternativo ao monárquico. Isso não significa que esse projeto republicano trouxesse consigo a abolição de uma estrutura escravista. Pelo contrário. O modelo norte-americano é a prova de que uma estrutura federalista republicana era totalmente compatível com uma estrutura escravista. Isso é um ponto. Também havia uma Europa conservadora, pós-Congresso de Viena [*1814/1815*]. Há uma maneira de pensar o século 19 como o século pós-revolucionário; uma ideia de que a Revolução Francesa mudou o mundo, e, daí em diante, nada foi igual. Isso não é verdade. A Europa do século 19 é conservadora e se constituiu em reação à Revolução Francesa. E essa Europa, obviamente, olha para o Estado eman-

# A MULHER POLITIZADA É A MULHER QUE SE INTROMETE EM ASSUNTOS QUE NÃO LHE DIZEM RESPEITO. INDEPENDENTEMENTE DA AGENDA QUE ESSA MULHER CARREGA, ELA É ALVO DE UMA MODALIDADE BEM DEFINIDA DE CONTROLE E REPRESSÃO.

HELOISA STARLING



cipado ibero-americano, que seguiu a linha monárquica, com olhos muito mais reluzentes do que se fosse uma república. Acho que isso também fez parte de uma estratégia de alinhamento com a Europa. A ideia geral da existência de um Poder Moderador é de este estar acima dos outros poderes e, portanto, não se envolver com os outros. O problema é que, no Brasil, deu-se ao Poder Moderador um controle indiscutível. E aí que está a promiscuidade, mas este é um modelo que não é mais, nem menos, conservador do que eram as monarquias constitucionais da Europa. Portanto, o Brasil sempre quis isso e estava alinhado com esta cultura política.

**AS ELITES PRÓXIMAS AO GOVERNO BRASILEIRO TAMBÉM TINHAM ESTE DISCURSO DE QUE UMA MONARQUIA CONSTITUCIONAL SERIA UM REGIME MAIS ESTÁVEL DO QUE UMA REPÚBLICA?**

HELOISA STARLING – Acho que o ponto central para o Rio de Janeiro, capital do País à época, seria como implantar um projeto político que atendesse a determinados interesses e preocupações. O que estava em jogo para a capital era como garantir a monarquia, a escravidão, o latifúndio e a centralização política, porque nós, Rio de Janeiro, precisamos cobrar os impostos. A Corte gasta muito e não gera nada. Há um livro extraordinário, talvez um dos melhores desta safra sobre a Independência, que se chama *Adeus, senhor Portugal* [Companhia das Letras, 2022]. A publicação aborda a instabilidade econômica do País e faz a articulação política. Vale a pena, por causa deste olhar novo.

**E QUANTO AO IMPERADOR DOM PEDRO I E À IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA, QUAL SERIA O PONTO DE VISTA DELES?**

HELOISA STARLING – Do ponto de vista da imperatriz, dona Leopoldina, e de Dom Pedro I, precisamos considerar que é uma pena que o casal não tenha dado certo, porque ambos eram pensadores políticos muito bons, estrategistas. O que está em jogo, ao olhar para Leopoldina e pensar que Pedro I vê a mesma coisa, é como garantir a monarquia, como garantir, inclusive, a descendência deles. O que esses dois fizeram não foi pouca coisa. Há um pensamento político neles, um desenho político importante e que foi muito bem-sucedido. As concessões, os ajustes e as negociações para garantir o principal e a permanência [da monarquia no poder] foram feitas. Agora, temos de olhar para as províncias e o pensamento político que estava se desenvolvendo no Brasil naquele momento. As análises de Frei Caneca sobre o Poder Moderador, por exemplo, mostram justamente o traço despótico desse poder, que não tinha limites, porque só poder freia poder. Como não havia outro para freá-lo, a combinação entre o Executivo e o Moderador deu no que deu: uma crise política que vai terminar na abdicação de Dom Pedro I. Talvez as análises mais interessantes, do ponto de vista político, sobre a crítica à Constituição de 1824 e sobre o traço despótico da Monarquia Constitucional brasileira do Primeiro Reinado, nesse momento, venha, principalmente, de Frei Caneca. A sua análise no jornal *Notícias Pernambucanas* é muito interessante para se entender a Constituição e onde está o giro despótico.

**NO PONTO DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL, COMO FOI A RECEPÇÃO, NESTE ÚLTIMO, DA NOTÍCIA DA DERRUBADA DO REGIME MONÁRQUICO E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, EM 1889? SALVO ENGANO, HOUVE UMA CERTA DECEPÇÃO COM AS CARACTERÍSTICAS DA REPÚBLICA VELHA, CONSERVADORA, ELITISTA ETC. COMO SE DEU ESSA RELAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO REPUBLICANO PORTUGUÊS E AS NOTÍCIAS QUE VINHAM DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO?**

ISABEL CORRÊA – As relações entre Brasil e Portugal não desapareceram nas décadas seguin-

tes, pois havia dinâmicas econômicas e fluxos de imigração que não foram encerrados de um dia para outro. Apenas depois da Proclamação da República no Brasil, em 1889, houve a primeira tentativa de imposição da república em Portugal. Foi no dia 31 de janeiro de 1890, no Porto. É incrível como os jornais e a propaganda republicana desses anos exultam os inventos do Brasil. Encontramos coisas como banquetes entre republicanos portugueses em que o menu são “batatas à Deodoro da Fonseca”, “bifinhos à Floriano Peixoto” e “bacalhau à Benjamin Constant”. Portanto, é de arrepiar, mas, de fato, há um ânimo e um fôlego dados ao movimento republicano em Portugal, nos anos de 1890, que vêm do Brasil.

**E PORTUGAL ATRAVESSAVA UMA CRISE NAQUELA ÉPOCA?**

ISABEL CORRÊA – Sim. A década de 1890, para quem não está familiarizado com a história de Portugal, é um período de grande crise, com o famoso ultimato britânico e o aumento da propaganda republicana. Os republicanos portugueses, depois desse período de propaganda, seguiram uma linha mais revolucionária e alinhada também com um tipo de republicanismo francês. E, a partir de meados daquela década, começam a ficar profundamente desanimados e desapontados com o tipo de organização oligárquica. Estou simplificando, mas, de fato, houve um impacto muito grande em Portugal.

**AVANÇANDO NO TEMPO, VAMOS ABORDAR A COMEMORAÇÃO DOS CEM ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, EM 1922.**

**HOUVE FESTEJOS EM CELEBRAÇÃO AO 7 DE SETEMBRO. EM QUE CONTEXTO SE DERAM AS COMEMORAÇÕES? O QUE ACONTECEU EM 1922 QUE TENHA DEIXADO ALGUM TIPO DE MARCA NA HISTÓRIA BRASILEIRA?**

HELOISA STARLING – Houve uma série de comemorações, mas talvez o grande produto tenha sido uma exposição importante, realizada no pavilhão do Rio de Janeiro. Parte dessa exposição de 1922 permanece até hoje. A sede da

Academia Brasileira de Letras (ABL) é um pavilhão da exposição do centenário da Independência. Há um filme muito interessante feito pelo governo federal, um documentário, que mostra como foram os acontecimentos. Agora, creio que a grande ação do centenário foi construir uma memória voltada ao Ipiranga, digamos assim. Foi construída uma versão da Independência, das relações com Portugal, voltada ao projeto que eu chamei aqui, ao projeto vitorioso da Independência. Ao fazer isso, foi construída uma visão politicamente muito útil para se tratar do assunto.

#### COMO É ESSA VISÃO DA INDEPENDÊNCIA QUE VOCÊ SE REFERE?

HELOISA STARLING – Uma independência consensual, sem sangue, sustentada pelo quadro de Pedro Américo. O grande exemplo e símbolo desta versão, certamente, é o *Independência ou Morte*, que está no Museu do Ipiranga. Agora, repare que isso significa, de alguma maneira, como São Paulo faz sua leitura, apropria-se e constrói a própria memória da Independência. Ao construir a própria memória, São Paulo se coloca como protagonista dos acontecimentos. Então, não apenas se constrói a versão do projeto vitorioso da Independência. Há também um acerto de contas com o círculo revolucionário, pois o apaga da Independência, apaga-se a extrema violência que aconteceu em algumas províncias do Brasil durante a Guerra de Independência. Contudo, São Paulo faz um segundo giro, que eu acho interessante: “Bom, esta é a versão que nós queremos. Agora, vamos nos apropriar dessa versão e nos colocar como protagonistas dela”. Então, o centenário nos permite ver esses dois movimentos na construção de uma memória, digamos, oficial, que vai fazer parte da historiografia brasileira sobre a Independência. São apagadas determinadas coisas e se ajustam outras, e São Paulo sai ganhando. Impressionante a competência dos paulistas, né?! [risos].

#### A NARRATIVA DAQUELE BRASIL BEM-SUCEDIDO FOI USADA, DE CERTA MANEIRA, EM PORTUGAL COMO UMA SUBSTITUIÇÃO DA IDEIA DE PÁTRIA. ATÉ ENTÃO, A REPÚBLICA PORTUGUESA, EM 1922, ERA MUITO RECENTE, AINDA HAVIA UMA IDEIA DE PÁTRIA PORTUGUESA MONÁRQUICA, DINÁSTICA. HOUVE ESTA INFLUÊNCIA NA POLÍTICA PORTUGUESA?

ISABEL CORRÊA – Tem muito a ver com o próprio interesse da cultura política. E esta, ao contrário dos regimes políticos, não muda em uma data. São processos mais lentos. De fato, há um processo na cultura de política liberal da monarquia para a cultura da política republicana, em Portugal, já no século 20. Inclusive, esta própria aproximação tem a ver com o sentimento de patriotismo. É o patriotismo de uma cultura política liberal mais cívica, a ideia do cidadão, da entrada do cidadão na política. Portanto, uma comunidade deve ser um conjunto de cidadãos. É um patriotismo que, eu diria, mais nacionalista, que se aproxima mais de uma ideologia republicana.

#### ONDE O BRASIL ENTRA NA HISTÓRIA?

ISABEL CORRÊA – Na verdade, esse patriotismo nacionalista é uma dimensão abstrata, que foi buscar na República Portuguesa uma grandeza, uma ideia difusa. E esta ideia de Portugal, de identidade difusa, foi utilizada na retórica dos republicanos portugueses, usando as glórias brasileiras. Em 1922, ocorreu uma espécie de ápice disso. Toda a programação da viagem de António José de Almeida ao Brasil, em 1922, foi para chegar em 7 de setembro. A viagem também foi feita por aviadores, baseada na travessia do Oceano Atlântico realizada por Cabral. E quem é que está por trás de tudo isso? Um ator muitas vezes esquecido: a comunidade de imigrantes portugueses no Brasil. É difícil falar nela como um todo, mas essa comunidade, no Rio de Janeiro, tem uma força política substancial e capacidade de mobilização incríveis. Essa viagem era para ter sido realizada em 1908, ainda por Dom Carlos. Estava tudo programado, tudo pago pela comunidade portuguesa de imigrantes, mas o rei foi morto

O PROJETO REPUBLICANO ERA ALTERNATIVO AO MONÁRQUICO. ISSO NÃO SIGNIFICA QUE ESSE PROJETO TROUXESSE CONSIGO A ABOLIÇÃO DE UMA ESTRUTURA ESCRAVISTA. O MODELO NORTE-AMERICANO É A PROVA DE QUE UMA ESTRUTURA FEDERALISTA REPUBLICANA ERA TOTALMENTE COMPATÍVEL COM UMA ESTRUTURA ESCRAVISTA.

ISABEL CORRÊA



poucos meses antes. E essa comunidade é bastante conservadora. Não que não seja republicana, não vamos criar aqui um paradigma de que os republicanos sejam todos progressistas, e os monárquicos, todos conservadores. Tudo isso é subjetivo, mas quando lemos o discurso de José de Almeida, ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1922, é quase um conservadorismo “colonialista”. Ele diz coisas como: “O Atlântico é este mar português que banha, de um lado, o Brasil”. É todo um espírito relacionado a uma política colonialista, a qual a República Portuguesa começa a ter de afirmar. Isto é, se o império ultramarino português, do século 19, não teve

tanta importância e entrou num movimento descendente, no século 20, há um esforço por incitamento da comunidade internacional. O mundo, em geral, acorda para estas diferenças de ação colonial, e quando falamos sobre Portugal, falamos muito a respeito da retórica do projeto colonial do Estado Novo português, que nasce na república, em 1910. O Brasil é uma peça muito importante nessa dimensão retórica de que Portugal tem uma missão civilizadora no mundo. Este é o tipo de discurso que se ouve dos republicanos portugueses da época.



# CIDADANIA PARA ALÉM DO VOTO

TEXTO VINÍCIUS MENDES

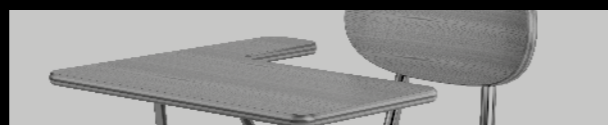
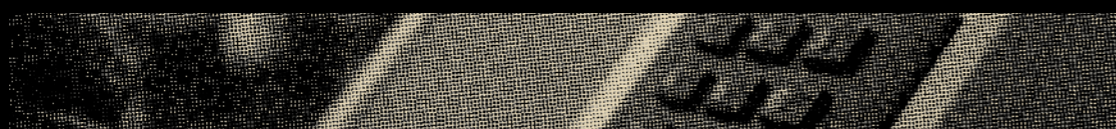
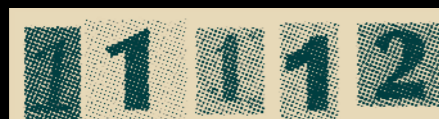
CID

EM 2022, A IMENSA MAIORIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA EXPERIMENTOU, MAIS UMA VEZ, UM DOS PRINCIPAIS MOMENTOS DE UMA DEMOCRACIA: O DO VOTO. SEGUNDO DADOS DO TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE), 156,4 MILHÕES DE PESSOAS ESTAVAM APTAS A COMPARECER ÀS URNAS PARA ESCOLHER SEUS REPRESENTANTES NA 16ª ELEIÇÃO DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO.



APONTE O  
CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA ÀS  
ENTREVISTAS  
DA SÉRIE SOBRE  
EDUCAÇÃO  
POLÍTICA

V



Há, no entanto, uma democracia mais profunda, na estrutura das sociedades, cujas expressões são menos formais, a qual se revela nas relações cotidianas, na forma como os direitos civis são respeitados e nas possibilidades e nos limites da vida social. E em períodos eleitorais, essa democracia acaba sendo vista mais de perto, momento em que o voto representa não só uma participação política concreta, mas também a educação política que a baliza.

“A educação política é o que o [cientista político italiano] Norberto Bobbio chamou, nos anos de 1980, de ‘promessa não cumprida da democracia’”, cita o cientista político Humberto Dantas, coordenador do curso de pós-graduação em Ciência Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

Para compreender a importância da formação política para o exercício democrático, o Canal UM BRASIL produziu, em parceria com o Movimento Voto Consciente (MVC), uma série de debates conduzidos por Dantas. Em pauta, o alcance e a dimensão da educação política no Brasil.

#### O PAPEL DE ESCOLAS E EMPRESAS

Ana Julia Bernardi, professora da FESPSP, que defendeu, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tese de doutorado sobre como os jovens encaram a política na era das *fake news*, acredita na relevância do ambiente escolar como instituição-chave para educar politicamente quem, num futuro breve, exercerá o papel de tomar as decisões sobre os rumos do País. “A escola é fundamental por ser o primeiro agente de socialização política fora das relações de poder, como a família. Sem contar que atravessa a vida destas pessoas no momento em que elas estão passando pelas transformações cognitivas mais intensas”, argumenta.

Nas eleições de 2022, cerca de 2,1 milhões de jovens entre 16 e 17 anos, cujo voto é facultativo, procuraram os cartórios eleitorais para se credenciarem ao pleito – número 50%

maior do que 2018, quando 1,4 milhão de pessoas nesta faixa etária se registraram, segundo o TSE. Este movimento não foi uma surpresa, na visão de Ana Julia. “Os jovens sempre se interessaram pela política, embora esta não se interesse muito por eles. Isso significa que é preciso mudar a ideia de que não há atração entre juventude e política, entendendo que, na verdade, é a política que não chega a essas pessoas da maneira certa”, explica.

Uma iniciativa que faz jus à afirmação é a Politize!, plataforma criada na esteira dos protestos de junho de 2013, no Brasil, para tentar intermediar o debate político para além das ruas. Um dos idealizadores – um jovem, aliás –, Gabriel Marmentini, conta que a demanda inicial era dele mesmo como cidadão. “Houve uma percepção aguçada da nossa parte de olhar para o fenômeno e ver além dele, ou seja, que a juventude passaria a se interessar e conversar mais sobre política, mas que faltaria um ambiente seguro para isso. Este era um problema para nós também: éramos cidadãos despreparados para o exercício da democracia”, diz.

A formação política não acaba nas organizações concebidas para esta finalidade, mas reverbera nos círculos sociais de cada um destes cidadãos, observa o fundador da Engeform, empresa que atua nos segmentos imobiliário e de engenharia, Arnaldo Landi. A empresa mantém um programa de educação política desde 2018 em parceria com o MVC. O empresário chama a atenção para um conceito muito disseminado entre as organizações globais atualmente: o ESG. Landi nota que, embora a sigla contemple demandas de governança, ambientais e sociais, carrega pouco de formação política em seu escopo. “Uma empresa é uma célula social. Em um país com tanta gente empregada na iniciativa privada, é essencial pensar neste ambiente também a partir do seu impacto político”, considera.

Ao avaliar o papel do setor privado na conscientização da sociedade, Ana Costa, vice-presidente Jurídica e de Relações Governamentais da Natura, lembra que as empresas

nacionais devem se valer da imagem positiva que desfrutam. Em 2021, um estudo do Datafolha mostrou que 69% dos brasileiros confiavam nas organizações privadas do País, índice maior do que o do Congresso Nacional – visto com desconfiança por 49% das pessoas – e a da Presidência da República (50%). “Esta é uma responsabilidade muito grande. Trabalhar as cidadanias política e econômica é papel fundamental das empresas”, diz a executiva.

No caso da gigante de cosméticos, o foco tem sido na ação sobre o público feminino – a maioria do eleitorado do Brasil (53%, segundo o TSE) e, coincidentemente, o público majoritário que consome e revende os produtos das marcas controladas pela Natura. “O nosso objetivo sempre foi o empoderamento das mulheres, desde a época em que esta expressão não era tão conhecida”, conta Ana, citando o exemplo mais recente desta perspectiva: um programa de educação política voltado à rede de revendedoras, lançado antes das eleições de 2022, que, dentre outros

objetivos, vai ajudar essas pessoas a acompanhar a atuação dos seus parlamentares.

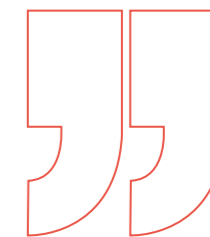
#### NO MEIO PÚBLICO

Tão importante quanto escolas e empresas, a educação política também é responsabilidade das instituições públicas e de entidades representativas. Na Câmara dos Deputados, um trabalho desta natureza é desenvolvido pela Coordenação de Educação para a Democracia do Centro de Formação de Servidores (Cefor).

O centro é a face mais expressiva de um movimento de formação política que acontece em várias casas legislativas espalhadas pelo País: as chamadas Escolas do Parlamento – coordenadas por prefeituras e câmaras municipais, como conta Corina Castro, diretora do órgão. “Estas são as verdadeiras escolas de democracia, ainda que na função de formar apenas servidores dos legislativos. Fazendo isso, promovem a governança destas casas – o que, no limite, significa construir, fortalecer e disseminar as regras do jogo legislativo”,

A ESCOLA É FUNDAMENTAL  
POR SER O PRIMEIRO AGENTE DE  
SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA FORA DAS  
RELAÇÕES DE PODER, COMO A FAMÍLIA.

ANA JULIA BERNARDI, PROFESSORA DA FESPSP





## A EDUCAÇÃO POLÍTICA TAMBÉM É RESPONSABILIDADE DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E DE ENTIDADES REPRESENTATIVAS

analisa. Na opinião de Corina, um parlamento organizado oferece transparência, promove engajamento de cidadãos e melhora a qualidade das leis produzidas.

Se melhorar os processos do Legislativo é importante, garantir qualidade na formação das legislaturas é essencial. “Escolher bons candidatos e monitorar o trabalho deles são resultados de uma boa educação política”, pensa Paulo Galizia, presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP).

Contudo, este é um jogo de mão dupla, na perspectiva de Galizia, porque os representantes legislativos também são aqueles que estão mais próximos dos seus eleitores. Assim, se contar com cidadãos mais educados para a política é importante, o mesmo vale para quem a exerce na prática. “O parlamento é a casa da representatividade popular, na medida em que o canal entre o eleitor e o deputado (ou o senador) pode ser muito mais direto do que com o governador ou o presidente”, lembra. “O deputado é mais acessível: o gabinete fica aberto e o cidadão pode ir às sessões, sem contar que, na hora de votar, o eleitor sempre faz a escolha por um candidato a partir de sua

identidade política. É mais fácil monitorar o trabalho dele depois”, completa.

Ao analisar as críticas sobre a função da Justiça Eleitoral, como o período de tensão social vivenciado no Brasil na eleição de 2022, Galizia considera positiva a atuação de organizações empresariais que atuam para além do financiamento de candidaturas. “São redes que ajudam a verificar a defasagem na educação político-eleitoral do País, uma vez que não têm intenção de vencer uma eleição ou promover um grupo específico; apenas pretendem melhorar o sistema.”

De fato, os desafios da democracia brasileira, na opinião de José Roberto Ricken, presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Sistema Ocepar), podem ser compreendidos justamente a partir da problemática da educação política. Ricken encabeça o Programa de Educação Política do Cooperativismo Paranaense, criado após as eleições de 2018 em parceria com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). O projeto espera impactar a experiência democrática de 3 milhões de cooperados, além dos 130 mil funcionários das entidades associadas.

“Imagine se todas essas pessoas estivessem totalmente despreparadas para participar do debate público? Nós estaríamos no caos”, indaga Ricken, que gosta de lembrar que o programa não foi uma decisão monocrática, mas elaborado por meio de assembleias. “Nós entendemos que este investimento era, de fato, uma necessidade.”

### RESPONSABILIDADE POLÍTICA

No grupo Votorantim, a influência da formação democrática não se restringe aos funcionários. O Programa Parceria Votorantim pela Educação (PVE), promovido em conjunto com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), possibilitou ações para mobilizar comunidades em gerir problemas e encontrar, juntas, as próprias soluções – estando elas próximas ou não de unidades da empresa.

O projeto, que ocorreu entre 2019 e 2020, deu origem a vários outros sob a alçada do Instituto Votorantim. Hoje, a entidade coordena conselhos comunitários, nos quais cidadãos são chamados a discutir os impactos da atuação da companhia nas localidades onde a Votorantim mantém operações. Em 2018, o grupo fez da celebração dos seus cem anos o momento ideal para estimular a melhora da qualidade da participação eleitoral, elaborando o *Guia do voto*. O material esclarece questões como a distribuição de cadeiras no parlamento ou as regras de divisão de candidaturas dentro dos partidos.

As ações dos últimos anos levaram a Votorantim a entender, porém, a relevância de investir em educação política com base na gestão, ou seja, reunindo esforços para capacitar líderes locais e gestores de diversas instâncias. Segundo Cloves Carvalho, diretor-presidente do Instituto Votorantim, essa é a visão da empresa sobre seu trabalho com formação política. “Na nossa percepção, o principal responsável pelo desenvolvimento local é o gestor público, e, sendo assim, cabe a nós dar a ele as ferramentas adequadas para que faça um bom trabalho”, explica Carvalho, lembrando justamente dos projetos criados pela organi-

zação para habilitar estes agentes em temas como o manuseio do orçamento público. “As políticas, em sua grande maioria, são boas mas precisam ser implementadas – e quando isso não acontece, temos os desvios.”

Cícero Hegg, sócio-fundador da marca de laticínios Tirolez, conta que um dos pontos de virada da atuação da empresa aconteceu em meados de 2018, quando a eleição presidencial que se avizinhava era marcada por um cenário político-institucional complexo. “Naquele momento, nós entendemos a importância de discutir tudo isso com os nossos colaboradores. Percebíamos que a situação era muito séria e exigia que compartilhássemos e conversássemos sobre o tema com todos da empresa.”

À época, a iniciativa da Tirolez – que já investe em educação política há duas décadas – chamou a atenção do mercado como um todo: a empresa criou um curso de política direcionado aos colaboradores. As aulas, que passavam por conceitos como cidadania, democracia, Estado e mobilização, hoje estão disponíveis no canal da companhia no YouTube.

Se todas essas ações revelam um país preocupado com a educação política para além das urnas, também apontam, justamente, para uma tentativa de cumprir a promessa não executada, citada por Bobbio há 40 anos. O foco: fazer com que os indivíduos sejam efetivamente participantes das decisões que regem a vida coletiva.



ES



## RAÍZES DA DESIGUALDADE

ENTREVISTA RENATO GALENO



APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO

Fotos: Fabiano Battaglin

B

O DESENVOLVIMENTO DE UMA NAÇÃO ESTÁ LIGADO AO CRESCIMENTO DA RIQUEZA PRODUZIDA PELA SUA POPULAÇÃO. DIANTE DA PROFUNDA DESIGUALDADE SOCIAL HISTÓRICA DO BRASIL, ESTA DINÂMICA SE TORNA MAIS DIFÍCIL POR AQUI DO QUE EM OUTROS PAÍSES, INCLUSIVE AQUELES COM CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS COMPARÁVEIS ÀS NOSSAS. “A DESIGUALDADE NO BRASIL É TÃO ENRAIZADA, E ESTÁ TÃO CONFIGURADA COMO MATRIZ DE VALOR, QUE PASSA A COMPROMETER A PRÓPRIA CAPACIDADE DE CRIAÇÃO DE RIQUEZA”, EXPLICA **VINÍCIUS MÜLLER**, HISTORIADOR E PROFESSOR DO INSPER. EM ENTREVISTA, REALIZADA DURANTE A CONFERÊNCIA **BRASA EM CASA 2022**, MÜLLER ABORDA TEMAS COMO AS CONSEQUÊNCIAS DA DESIGUALDADE REGIONAL NOS INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO E OS PERIGOS DE UMA RUPTURA DEMOCRÁTICA.

DESEQUALDADE

**O SEU TRABALHO É MUITO VOLTADO À HISTÓRIA ECONÔMICA, MAIS ESPECIFICAMENTE ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS E AO IMPACTO DESTAS NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. UMA CARACTERÍSTICA SUA É A PREOCUPAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS LOCAIS. QUAL A IMPORTÂNCIA DESTE FATOR REGIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO?**

O Estado brasileiro sempre foi muito grande, e nós creditamos a ele a liderança do processo de desenvolvimento. Contudo, mais do que resultados objetivos, o Estado sinaliza, em um prazo mais longo, como a sociedade deve funcionar, o que é preocupante. A segunda preocupação é que o Brasil é muito grande. Portanto, as pessoas entendiam a posição que o Estado assumia não só como uma política pública mais objetiva, mas como isso se construía em cada região brasileira. É uma sinalização moral do que é mais importante e o que é menos importante. Fui buscar, na história brasileira, quais eram os elementos que, sob responsabilidade dos governos regionais, são (ou foram) importantes para o desenvolvimento local e os resultados que obtiveram.

**PODE NOS DAR UM EXEMPLO?**

A educação, principalmente a básica, sempre foi responsabilidade dos governos regionais. Na primeira Constituição brasileira, de 1824, já constava isso, assim como obras de infraestrutura, iluminação e alguma coisa na área da Saúde. Estas questões foram importantes para determinar o nível de desenvolvimento alcançado pelas regiões brasileiras, que apresentam patamares de desenvolvimento muito diferentes entre si. Logo, questões que estavam mais vinculadas ao comportamento dos governos regionais tinham sido mais importantes para o desenvolvimento do que as que entendemos como uma política nacional. Estudei muito o tema; a diferença no trato orçamentário é muito grande. O Rio Grande do Sul, por exemplo, se comportou

por períodos longos dando destaque ao gasto com educação básica. É muito diferente de outros Estados, e isso tem impacto no desenvolvimento regional.

**VOCÊ SE APROFUNDOU MUITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E ANALISOU ESTADOS DE DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL. O QUE PERCEBEU DESTA HIERARQUIZAÇÃO DE INVESTIMENTOS E OS RESULTADOS SOCIAIS?**

Consegui reconstruir os gastos e as receitas públicas de vários Estados. Posso dar um exemplo objetivo: durante 80 anos, entre 1850 e 1930, o gasto do Estado de São Paulo com educação básica foi o segundo maior do orçamento. O primeiro era com obras de infraestrutura, em especial estradas. São Paulo sempre gostou de estradas e as enxergava como vetor de desenvolvimento. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o investimento maior era em educação básica. Já em Pernambuco, o gasto com educação básica era o quarto ou o quinto na lista, se hierarquizarmos em longos períodos. Isso revela como que estes governos ou estas regiões criavam pactos locais quanto à distribuição do dinheiro público e o modo como se cobra o imposto, de quem se cobra o imposto e como se gasta o recurso público. São dois elementos importantes para entendermos o pacto social de qualquer sociedade. O que impacta mais o desenvolvimento econômico-social de longo prazo: investir em escola, em estrada ou em salário de funcionário público? Tem de investir em escola.

**O QUE MAIS CHAMOU A ATENÇÃO NESTA PRIORIZAÇÃO DE INVESTIMENTOS?**

No começo do século 20, a soma dos recursos públicos para pagamento dos salários do Poder Judiciário de Pernambuco era maior do que todo o investimento em educação básica. Claro que haverá diferença no desenvolvimento local.

**COMO O DESENHO DE UMA CIDADE PODE AFETAR O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DOS SEUS HABITANTES?**

A história das cidades tem um impacto muito grande na história econômica. Eu falo muito sobre São Paulo. A cidade é um pouco tardia na sua apresentação de modernidade em relação, por exemplo, ao Rio de Janeiro, que era a capital federal. Quando São Paulo fez isso, os imigrantes já estavam muito incorporados à cidade, fator fundamental para entendermos uma série de atividades econômicas, como a indústria e o comércio. Como um projeto de intervenção urbanística revela uma ideia sobre o desenvolvimento? Temos vários exemplos de intervenções urbanísticas que mostram isso. Lisboa passou por um terremoto, e a reconstrução da cidade foi a partir de um posicionamento ideológico do governo português, com o Marquês de Pombal. Ele criou uma avenida chamada “Liberdade”, uma vinculação ao debate do século 18 que vinha da França, do Iluminismo. As reformas urbanísticas, no fundo, têm uma lógica ideológica filosófica. Elas pensam no desenho da cidade e, ao pensar nisso, criam regras de convivência que impactam o modo como nós distribuimos as atividades econômicas.

**ALÉM DA DESIGUALDADE, UM PROBLEMA HISTÓRICO DO BRASIL, HÁ TAMBÉM UMA QUESTÃO, PELO MENOS NO PASSADO RECENTE, DE QUE, MESMO NOS PERÍODOS EM QUE O PAÍS CRESCE MAIS, CRESCE MENOS DO QUE O RESTO DO MUNDO. POR QUE O BRASIL MANTÉM UMA DESIGUALDADE COLOSSAL E SE DESENVOLVE MENOS DO QUE PAÍSES COM ECONOMIA COMPARÁVEL?**

Acho que existem duas dimensões nesta discussão. A desigualdade é um valor. O nosso passado escravista é a maior representação da desigualdade na nossa história. Não tenho nenhuma dúvida de que boa parte da desigualdade no Brasil tem a ver com isso. O fato de a escravidão ter terminado por lei, em 1888, não significa que a desigualdade tenha acabado ali. Esta vai se manifestar de outros modos, porque é um valor de antes da escravidão, por isso que se reproduz. Acho que não atacamos a desigualdade, atacamos a representação dessa desigualdade. No entanto, ela se adapta e,

portanto, passa a ser representada por outras questões. Falta um olhar mais abstrato e que exija uma perspectiva de longo prazo para entender as raízes e a natureza desta realidade, e não como que ela se revela na sociedade, porque tudo isso tem a ver, por exemplo, com certo ideal aristocrático que temos, fato já mapeado pelos historiadores. Identificamos as pessoas da sociedade a partir daquilo que elas nos indicam como uma diferença social. Temos dificuldade imensa, por exemplo, de colocar na mesma escola pessoas de grupos sociais e econômicos diferentes. Há, neste caso, um fundo da desigualdade muito complexo que atrapalha o nosso desenvolvimento. Existe uma corrente que vai dizer que a desigualdade não é tão importante para o desenvolvimento, o que é importante é a riqueza. É razoável que acreditemos nisso, mas a desigualdade no Brasil é tão enraizada, e está tão configurada como matriz de valor, que passa a comprometer a própria capacidade de criação de riqueza. Como não superamos este elemento fundamental da desigualdade, quando temos alguma oportunidade de crescimento, de riqueza, não estamos preparados. Ao nos compararmos com países que passaram por processos parecidos e cresceram muito mais, observamos que não se resolve o desenvolvimento no momento em que há uma boa oportunidade para crescer. É preciso resolver o crescimento antes, e quando a oportunidade de crescimento chegar, já estará preparado para isso. Nós devemos enxergar a queda da desigualdade e o crescimento por meio da melhoria da capacidade das pessoas de produzir riqueza, e não de consumir alguma coisa. Porque, na primeira onda, na primeira oscilação negativa que tivermos, isso cai. Aí vem a pandemia, e a pobreza sobe absurdamente. Vem a guerra da Ucrânia, e a desigualdade explode. A sensação é de que não nos preparamos institucionalmente. Não atacamos o problema matricial para que, chegada a oportunidade de crescimento, estejamos preparados para isso. É necessário olhar ao longo do tempo para ver como as regiões (ou o País) devem se preparar.

**HÁ UMA TENDÊNCIA, NO BRASIL, DE UMA CENTRALIZAÇÃO ACERCA DOS ASPECTOS FEDERATIVOS COM ALGUM CARÁTER AUTOCRÁTICO?**

Sim. Este é o grande debate estrutural do Brasil em termos de descentralização do poder. Até porque somos um país muito grande. O modo como lemos a nossa história acabou privilegiando demais a ideia de que a saída para os nossos problemas fosse a centralização. Costumo dizer que estamos em uma encruzilhada. Temos as viúvas de Vargas [*ex-presidente Getúlio Vargas*] e as viúvas da ditadura militar. Enxergo, neste debate, uma simpatia muito grande para uma leitura da história nacional que associe, ao poder central, a capacidade de liderar o processo de cima para baixo. Pode ser uma tradição portuguesa, uma tradição da formação do nosso pensamento e de um certo conservadorismo. Entretanto, entendo, ao mesmo tempo, que este pensamento cria espantalhos culpando, muitas vezes, os maiores momentos de descentralização – ou culpando a descentraliza-

ção por alguns males que carregamos. Agora, a experiência mais centralista também nos colocou em algumas armadilhas. Tivemos dois períodos, no século 20, significativos para a história brasileira que foram ditatoriais: a era Vargas e o regime militar. O que proponho é: vamos olhar a centralização com o mesmo rigor que olhamos para os problemas da descentralização. Corremos o risco de perdermos a descentralização ou de não valorizarmos o que há de bom na centralização por causa do desequilíbrio que o federalismo nacional apresenta, além de uma má interpretação da nossa história, que acaba elogiando demais esta posição centralista.

**UM ARTIGO SEU MENCIONA UM TRABALHO HISTÓRICO, O OUTONO DA IDADE MÉDIA, DE JOHAN HUIZINGA. NO MUNDO ATUAL, CORRENTES DE FANATISMO IDEOLÓGICO CRIARAM MUNDOS À PARTE EM GRUPOS DE REDES SOCIAIS. SERÁ QUE NÃO ESTAMOS CHEGANDO A ESSE “OUTONO”? SERÁ QUE A REALIDADE NÃO VAI IMPOR UM PENSAMENTO MEIO MÁGICO?**

**NÓS DEVEMOS ENXERGAR A QUEDA DA DESIGUALDADE E O CRESCIMENTO POR MEIO DA MELHORIA DA CAPACIDADE DAS PESSOAS DE PRODUZIR RIQUEZA, E NÃO DE CONSUMIR ALGUMA COISA.**

Muito difícil esta pergunta. Primeiro, porque cita Johan Huizinga, um escritor clássico de uma obra-prima sobre a Idade Média. *O Outono da Idade Média* é a ideia do fim, e, nos últimos tempos, estamos discutindo muito a perspectiva do fim: da democracia, da Constituição de 1988, da Nova República e da liderança norte-americana. Niall Ferguson, um historiador polêmico, diz que o mundo que você constrói demora muito para ser construído, mas pode cair de um dia para o outro. E este risco deve ser combatido pela defesa daquilo que você faz no cotidiano dos valores fundamentais. Então, se defendemos a democracia, temos que fazer isso todos os dias, porque, do contrário, ela vai cair, vai “entrar no outono”. E isso vai acontecer porque as pessoas associam a democracia a alguns problemas que enfrentam na vida, por meio dos quais a realidade se impõe. O que falo é o seguinte: não defenda a democracia apenas pelo que ela tem de bom, mas pelo que ela também tem de ruim. É um pouco como a globalização, que é boa, mas também produz resultados ruins. Se não enxergarmos e admitirmos os resultados ruins, a globalização vai acabar. É tal como a percepção do ciclo (ou do fim do ciclo) da Idade Média que Huizinga traz, ou seja, a ideia de que a realidade se impõe, quando um modelo mental da Idade Média, religioso, místico, não consegue mais justificar o que as pessoas estavam vivendo. Será que a nossa democracia está conseguindo justificar o problema que estamos vivendo? Se nós, que a defendemos, não identificarmos o problema dela e atacar este aspecto, ela será pressionada com inúmeras tendências e teses diferentes, dentre as quais algumas vão se apresentar dogmáticas. A democracia não pode ser dogmática. Ela é, por definição, não dogmática, e a tendência, portanto, é que você critique a democracia naquilo que ela tem de ruim, sem reconhecer o que ela produziu de bom. A realidade se impõe, mas isso não significa que abandonaremos os nossos valores. Contudo, se não reconhecermos que esses valores também produzem coisas ruins, não conseguiremos defender o que é preciso diante da realidade im-

posta. Aí, volto a Ferguson: quando não temos argumentos para defender o nosso valor, este cai de um dia para o outro.

**OUTRA QUESTÃO TAMBÉM GENERALIZADA É O DISCURSO MISÓGINO, LGBTFÓBICO, RACISTA E, MUITAS VEZES, VIOLENTO. É UM FENÔMENO RECENTE NO BRASIL OU ESTEVE PRESENTE EM OUTROS MOMENTOS HISTÓRICOS? PODE SER UMA CARACTERÍSTICA BRASILEIRA ESTE DESPUDOR DE INTERPRETAR DETERMINADOS NICHOS DA POPULAÇÃO COMO DESPROVIDOS DOS MESMOS DIREITOS DO QUE OUTROS?**

Estruturalmente – e acho que esta é uma boa maneira de contar a história do Brasil –, temos a desigualdade muito profunda não manifestada de uma maneira só. Ela se adapta. Mas é claro que há contextos e ambientes em que se manifesta de maneira mais ou menos agressiva. O ideal seria a criação de ambientes que diminuam a possibilidade dessas manifestações. Entretanto, parece que temos dificuldade de superar isso ao longo do tempo. Já passamos por outros momentos



# O QUE IMPACTA MAIS O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DE LONGO PRAZO: INVESTIR EM ESCOLA, EM ESTRADA OU EM SALÁRIO DE FUNCIONÁRIO PÚBLICO? TEM DE INVESTIR EM ESCOLA.

em que isso foi amenizado, mas, para isso, os pactos sociais são necessários, que, por sua vez, dependem de uma série de coisas, como relações internacionais, tipos de liderança e elementos da realidade. Para ser mais objetivo, nós não soubemos responder às manifestações de 2013 no Brasil. É nesta incapacidade que legitimamos o espaço para que esta violência aparecesse, potencializada pelas redes sociais. É um traço da nossa sociedade que existe e que, em alguns momentos, não conseguimos enquadrá-lo. O sufocamento desse tipo de manifestação depende de pacto social e da liderança – e parece que, neste sentido, temos um déficit de liderança bastante visível. Os Estados Unidos também entraram em uma polarização política muito grande que acabou legitimando, para muita gente, esta agressividade. É claro que é muito importante olharmos para as nossas diferenças, mas se nos pautarmos apenas por elas, uma hora teremos que achar nossas semelhanças. A liderança é quem organiza a semelhança e não pode se pautar pela diferença. O papel dela é fazer o contrário. A sociedade explicita a diferença, a liderança mostra que temos um caminho, o qual deve ter um mínimo de conjunto. Enfrentamos dificuldade neste ponto.

## POR QUE TEMOS ESSA DIFICULDADE?

O Brasil é muito grande e muito diferente. Acreditar que faremos isso sem olhar para as diferenças regionais é legitimar uma política de cima para baixo, centralizada, que não consegue identificar os problemas que se impõem à nossa realidade. Basta olhar o mapa eleitoral do País nas últimas quatro eleições e ver nitidamente os eixos que votam em “X” ou “Y”, tal como ocorre nos Estados Unidos, onde há Estados “vermelhos” e Estados “azuis”. Se não conseguirmos identificar o que seja comum a estes dois eixos, aprofundaremos ainda mais a discussão.

O SENHOR ESCREVEU DOIS ARTIGOS, CHAMADOS “A REPÚBLICA EM SALTOS”, EM

QUE MENCIONA TENDÊNCIAS QUE ESTARIAM ACONTECENDO NO BRASIL ATUAL, COMO A PERCEPÇÃO DE PARTE DA POPULAÇÃO DE QUE A POLÍTICA É UMA COISA “SUJA”. SERÁ QUE A CONTINUAÇÃO DESSA TENDÊNCIA PODERIA LEVAR A UMA RUPTURA DEMOCRÁTICA?

A ameaça existe. Talvez possamos discutir em que grau e o quanto estamos perto desta ruptura. Não acho que estejamos tão perto, mas a ameaça existe. O que quis dizer com estes artigos é que há um vício de separarmos muito o centro da periferia. O mundo contemporâneo dilui a perspectiva de centro e periferia, porque cria centros muitos variados e periferias muito variadas. Do ponto de vista cultural, o centro do Brasil nunca foi São Paulo. É o eixo Rio–Salvador. Agora, do ponto de vista econômico, faz tempo que o centro é São Paulo. A depender de como esses vários centros são hierarquizados, temos um olhar diferente sobre a sociedade. Quando me referi, por exemplo, a este eixo interiorano brasileiro que, hoje, carrega parte do centro econômico, quis dizer que é, fundamentalmente, o agronegócio. Trata-se de um eixo do Rio Grande do Sul até o Mato Grosso e que, agora, começa a se desdobrar para regiões do interior do Nordeste, Bahia e Maranhão. Esse eixo pode até representar o crescimento econômico, mas está longe de ser reconhecido como centro cultural. Não há um projeto de Goiânia, por exemplo, para entender o País, mas há um projeto do Rio de Janeiro, de Salvador e de São Paulo para tal. É muito discrepante, portanto, quando pensamos a hierarquia entre esses vários centros. Há uma dificuldade de pensarmos em intersecção entre estas várias trajetórias ao olharmos para a formação brasileira. Se perguntarmos para alguém do agronegócio, talvez esta pessoa ache que estamos longe de um momento de ruptura, pois há crescimento. Assim como se perguntássemos o mesmo para algumas pessoas, em 1960, elas diriam que estávamos longe de uma ruptura, pois era um momento de crescimento nacional. Isso muda a percepção sobre a sociedade. Neste sentido, precisamos olhar

para além da dicotomia centro e periferia. Há vários centros. O Brasil é muito grande, e não dá mais para entendê-lo se não nos atentarmos ao crescimento dos evangélicos nos últimos 30 anos, por exemplo. Não é uma briga entre centro e periferia – e não posso tratar os evangélicos como centro ou como periferia.

## COMO LIDAR COM TUDO ISSO?

Não conseguimos responder às demandas em 2013. Há grupos políticos que negam, de alguma maneira, os ganhos da Nova República nos últimos 30, 40 anos. Então, de fato, a realidade se impôs. Proponho que mudemos a chave de interpretação, porque, ao continuar nessa dicotomia entre centro e periferia, julgamos esses problemas como insolúveis e abandonamos as perspectivas. Não é possível que não comecemos a estabilidade da moeda e a Constituição de 1988, por mais adversidades que trouxeram. Não estamos usando o fator positivo com uma continuidade do nosso processo de desenvolvimento. Olhamos para esse fator como se este gerasse uma briga – e quando esta aparece, jogamos mais combustível nela. É uma república “por saltos”, como se tivéssemos de fazer pequenas rupturas o tempo todo. Não lidamos com o Brasil de outro jeito; é um pouco a perspectiva que diz que os nossos problemas teriam sido resolvidos no passado se tivéssemos enfrentado uma guerra. E é por isso que tenho de defender uma guerra? Claro que não. É uma instrumentalização do olhar sobre a trajetória brasileira. Devemos mudar esse olhar. Porque, caso isso não aconteça, aí, sim, chegaremos perto de um ponto de ruptura. Não sou tão desesperançoso assim, mas ainda estamos no meio do caminho, precisamos amadurecer isso.

SEM CENSO  
NEM  
DOCUMENTO

O PROBLEMA É  
QUE EU NEM SEI  
MAIS QUEM  
SOU!



ADÃO

**MAX GEHRINGER,**  
escritor, palestrante,  
administrador de  
empresas e referência  
em gestão

APONTE O CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA EM VÍDEO



O BRASIL É UM PAÍS  
QUE TEM MOMENTOS  
DE ESTABILIDADE ENTRE  
CRISES – E NÃO CRISES  
EM MOMENTOS DE  
ESTABILIDADE. E A GENTE VAI  
FICANDO 'CASCUDO' COM  
O PASSAR DOS ANOS. AS  
CRISES VÊM E VÃO. TODAS  
VIERAM E TODAS FORAM.





APONTE O  
CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA  
EM VÍDEO

# NOVO TABULEIRO GEOPOLÍTICO

ENTREVISTA JAIME SPITZCOVSKY

NA OPINIÃO DA PROFESSORA **FERNANDA MAGNOTTA**, A NOVA ORDEM GEOPOLÍTICA GLOBAL, MARCADA PELA MULTIPOLARIDADE, VAI EXIGIR PRAGMATISMO DOS PAÍSES QUE DESEJAM SE DESTACAR NO CENÁRIO INTERNACIONAL – DENTRE ELES, O BRASIL. COORDENADORA DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO (FAAP), ELA AVALIA QUE O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA POLARIZA POTÊNCIAS EM TORNO DE UMA REDISTRIBUIÇÃO DE PODER E PÕE EM XEQUE O CONJUNTO DE ESTRUTURAS REPRESENTATIVAS CRIADAS NO PÓS-GUERRA.

Foto: Divulgação/Faap

**A PARTIR DE UMA VISÃO GEOPOLÍTICA, QUE BALANÇO É POSSÍVEL FAZER DA INVASÃO DA RÚSSIA À UCRÂNIA?**

Este conflito reverbera e extrapola a própria realidade do Leste Europeu. O que estamos acompanhando é, na verdade, uma série de ressentimentos e interesses em disputa que já aconteciam anteriormente – e que contrapõem os interesses e as posições de importantes potências internacionais. De um lado, está o Ocidente, representado pelos Estados Unidos e pelos países da União Europeia; do outro, a Rússia, a antagonista deste bloco. Estamos falando do futuro da política internacional e de uma série de disputas que já vinham acontecendo desde o fim da Guerra Fria. Diria que é um conflito que coloca em discussão a ordem internacional como um todo, o conjunto de valores, princípios e estruturas que usualmente estava organizando e definindo os padrões de relacionamento do sistema. Quando olhamos para aquilo que, hoje, funciona como organizador das relações entre os países, existem alguns regimes internacionais e algumas instituições, como é o caso da ONU [Organização das Nações Unidas], da Otan [Organização do Tratado do Atlântico Norte] e da OMC [Organização Mundial do Comércio]. Estas instituições – que foram criadas após a Segunda Guerra e reafirmadas com o fim da Guerra Fria – já vinham, há alguns anos, sofrendo muitas críticas e necessidades de atualização. No entanto, elas resistiram, porque os Estados Unidos patrocinavam e sustentavam este tipo de estrutura. No caso da Ucrânia, o que enxergamos é mais uma onda de contestação da efetividade desta estrutura e da sua capacidade de manter o esteio da estabilidade internacional. Passamos por uma pandemia, durante a qual a OMS foi muito testada, e passamos, agora, pela invasão da Ucrânia. Foi muito simbólico que, no dia da invasão do país, ao mesmo tempo era transmitida uma reunião do Conselho de Segurança da ONU. À revelia do que a ONU estava discutindo, houve a invasão. Então, há

uma discussão sobre os limites desta ordem. Será que a ordem liberal, erigida sob determinados valores, defendida por tantas décadas, seria ágil o suficiente para lidar com os problemas do século 21? Os Estados Unidos teriam condições de seguir como os patrocinadores dessa estrutura? É necessário levar em conta que se trata de um conflito que polariza potências em torno de uma redistribuição de poder, em um mundo que vai se tornando multipolar. Por fim, diria que é uma prova final para essa ordem neoliberal, que vai precisar se reinventar para continuar fazendo sentido.

**QUE MUNDO MULTIPOLAR É ESTE QUE SE FORMA? ESTA TRANSIÇÃO VAI PROVOCAR MAIS TURBULÊNCIAS, GUERRAS E DESESTABILIZAÇÕES?**

Por um lado, é mais democrática, porque dá voz a mais países e, de alguma forma, evita modelos nos quais uma hegemonia se impõe diante de todos os outros. Por outro, é discutida como a forma de organização e distribuição de poder mais instável, mais insegura. Em um mundo onde há uma única potência muito mais forte do que outros países, esta superpotência se impõe em uma espécie de hegemonia em relação aos demais.

**FOI O QUE ACONTECEU COM OS ESTADOS UNIDOS ENTRE 1989 E 2009?**

Sim. É o que muitos chamariam de “momento unipolar do sistema”, em que os Estados Unidos, no pós-Guerra Fria, teriam emergido como única superpotência, reunindo condições de poder significativas sob os pontos de vista econômico, militar e até cultural. Não estou dizendo que o mundo é bom e harmonioso, mas que não há condição de contestação da liderança estabelecida. O mais forte se impõe sobre os demais, que, não podendo reagir, simplesmente não entram em conflito. O mundo é mais estável neste sentido. A outra opção é um mundo bipolar, clássico da Guerra Fria, onde duas potências consideradas mais ou menos do mesmo porte convivem com visões antagônicas. Nesse mundo bipolar, embora exista, a todo momento, a ameaça do enfrentamento

NOVO

real (como era na Guerra Fria), na prática, tende a não acontecer. A guerra não virou, efetivamente, uma “guerra quente”, porque os países sabiam que, do ponto de vista da racionalidade, caso um iniciasse o conflito em relação ao outro, provavelmente seria atacado na mesma moeda. E este ataque mútuo levaria à destruição de todos os lados. O mundo bipolar é um mundo de muitas tensões, mas não é, necessariamente, do enfrentamento.

#### É O QUE ACONTECE NA MULTIPOLARIDADE?

É o modelo mais instável, porque há três ou quatro países reconhecidos como mais ou menos do mesmo porte. Nenhum deles é forte o suficiente para se sobrepor aos demais, não existe equilíbrio gerado pela possibilidade de uma destruição mútua assegurada. Na prática, todos querem, em algum momento, se sobrepor uns sobre os outros, para exercer um poder hegemônico que lhes interesse. Os países sempre querem aumentar as próprias capacidades. Esta busca por hegemonia cria muita tensão e perigo de enfrentamento concreto. A multipolaridade é o ambiente mais convidativo ao enfrentamento entre potências. Algumas pessoas descreviam a potencial volta da bipolaridade no século 21, com Estados Unidos *versus* China. A China emergiu e, de fato, é uma potência com aspirações. Só que o mundo está cada vez mais propenso a ser multipolar – e a Ucrânia reforça esta percepção. Os Estados Unidos não são mais uma potência solitária. A China não tem, sozinha, capacidade de ser considerada um poder hegemônico. Quando olhamos outros *players*, como Europa e Rússia, enxergamos protagonismo temático em determinadas áreas. É claro que, do ponto de vista militar, os Estados Unidos mantêm uma hegemonia unipolar. Na esfera econômica, a multipolaridade fica mais evidente. Estamos falando de países como os próprios Estados Unidos e a China, além da União Europeia, do Japão e de outros. Os Brics [*agrupamento de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul*] também têm crescido muito. A esfera econômica é mais

fragmentada, não torna óbvia essa distribuição de poder como na esfera militar. Então, o que temos hoje? Um mundo multipolar, em que os valores defendidos pelos países dessa multipolaridade são heterogêneos, o que torna a situação mais difícil.

#### QUAL É O IMPACTO DOS DOIS FENÔMENOS DA GLOBALIZAÇÃO E DA INTERDEPENDÊNCIA NA MULTIPOLARIDADE DO SÉCULO 21?

Desde que a crise na Ucrânia se acelerou, tornou-se corrente uma interpretação de que estamos diante de mais um capítulo de desglobalização, reforço dos protecionismos e fim da relação de interdependência. De fato, estamos vivendo em um mundo onde, ao mesmo tempo que estamos falando de cadeias globais de valor e produção, há discussões sobre integridade territorial e soberania dos países. Agora, ainda que tudo isso pareça verdade, seria anacrônico associar que soluções de desglobalização possam representar a volta à estaca zero, como se o mundo pudesse retroagir. Neste sentido, a Ucrânia, ao trazer um debate sobre o retorno da geopolítica num mundo globalizado, mostrou a força destes laços de interdependência. O mundo não se tornou menos globalizado. Os Estados Unidos e a China, as potências mais importantes, apesar de terem predisposição de enfrentamento em vários momentos, não o fazem, com ou sem a Ucrânia. Essa interdependência garantiu ao mundo multipolar, de certa maneira, um pouco de estabilidade. Por que, apesar de ser um mundo mais complicado, não caímos na Terceira Guerra Mundial? Porque estes elementos de dissuasão, seja pela esfera militar nuclear, seja pela esfera econômica da interdependência, fazem com que, racionalmente, os países percebam que têm mais a perder do que a ganhar no enfrentamento.

#### O QUE SIGNIFICA UM EVENTUAL RETORNO DO EX-PRESIDENTE DONALD TRUMP À CASA BRANCA, EM 2024, PARA A POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE, SOBRETUDO NO QUE SE REFERE ÀS RELAÇÕES COM PEQUIM E MOSCOU?

A retomada da Casa Branca por um republicano, por si só, não representaria, necessariamente, uma grande ruptura. Isso dependeria de quem é esse republicano. Eu diria que, se for Trump, será um cenário; se for outro republicano, será outro. Agora, assumindo o cenário com Trump, é possível uma política externa de ruptura. Ele foi descrito, nos quatro anos em que esteve à frente da Casa Branca, como um contestador, um grande crítico da estratégia de inserção internacional que se pratica desde a década de 1940. Os Estados Unidos emergiram como potência internacional depois da Segunda Guerra Mundial. Desde que se tornaram um grande império, apostaram num tipo de liderança internacional que perpassa uma série de elementos. As políticas externas foram sendo remodeladas de acordo com suas interpretações do mundo em cada momento, mas este “fio condutor” foi preservado em todos os governos. Trump foi a primeira experiência de contestação da própria estrutura em si. Ele fez a política da retirada marcada pelo nacionalismo e pelo protecionismo crescente que propagou. Se houver uma retomada desse tipo de liderança, de alguém como Trump (ou do próprio Trump), talvez haja um novo momento de contestação desse modelo, que é de muitas décadas. No mundo pós-Ucrânia, isso pode ter um apelo mais significativo.

#### O QUE SIGNIFICA O MUNDO MULTIPOLAR PARA O BRASIL?

Um mundo de muita instabilidade, mas também de muitas oportunidades. O Brasil é um país de dimensões continentais, de enorme potencialidade do ponto de vista econômico, de capacidade produtiva, e é um mercado desejado no mundo inteiro. Teria condições de ser mais competitivo em diferentes áreas. Do ponto de vista da tradição diplomática, desfruta de enorme respeito internacional. Neste sentido, é uma nação que pode se beneficiar desse sistema multipolar, inclusive porque a revisão das estruturas de governança global acaba sendo inevitável. Não é mais um sistema hegemônico, em que uma potência esta-

belece as regras do jogo e todo mundo tem de “dançar conforme a música”. É possível participar da elaboração das regras. O Brasil, com todas as suas vocações, poderia pleitear lugar à mesa de negociações para redesenhar essa ordem, para que ela seja mais representativa. Agora, seria preciso assumir um olhar de política externa muito pragmático. É necessário manter relações com vários atores ao mesmo tempo, para não apostar todas as fichas em um único aliado dentro desse sistema, extraindo das potências aquilo que interessa para o nosso desenvolvimento.

#### O QUE É NECESSÁRIO PARA ISSO?

O mundo multipolar requer, em primeiro lugar, mais do que uma política de governo, uma política de Estado. Em segundo lugar, uma política focada em interesses pragmáticos e que aposte numa estratégia de diversificação. O Brasil tem elementos que podem beneficiá-lo, está numa condição mais confortável do que aqueles que disputam a liderança em si. O Brasil não precisa se colocar na posição de um país que procure ocupar espaços, como os Estados Unidos, a China e a Europa. Contudo, pode se inserir nos contextos de acordo com a própria conveniência. O problema é que as últimas decisões vão na contramão disso tudo. Há uma percepção de corrosão, de desgaste institucional da qualidade da nossa democracia. Como os setores da sociedade civil brasileira que têm uma visão de política de Estado pragmática podem se fazer ouvidos no Brasil polarizado? É preciso haver um alinhamento de interesses e mecanismos para gerar pressão sobre o setor público, independentemente do governo em exercício. A política externa tem de ser tratada como uma política pública. Enquanto política pública, a política externa é um espaço de negociação permanente, de barganha, de contraposição de grupos de interesse. Portanto, não é decidida por três ou quatro interlocutores dentro de uma sala fechada.



# A COMPLEXIDADE MULTIPOLAR DO SÉCULO 21

JAIME SPITZCOVSKY

FREQUENTEMENTE DESCRITO COMO “ÉPOCA TURBULENTA”, O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO, DESENHADO A PARTIR DE 2008, CORRESPONDE A UMA DESAFIADORA E HISTÓRICA FASE DE TRANSIÇÃO, PRÓDIGA EM INGREDIENTES PARA TORNÁ-LO PARTICULARMENTE INSTÁVEL. TRATA-SE DA GÊNESE DE UM PANORAMA MULTIPOLAR, DIANTE DE UMA COEXISTÊNCIA DE DIVERSOS CENTROS DE PODER, EM CONTRAPOSIÇÃO À UNIPOLARIDADE DA HEGEMONIA INCONTESTE DOS ESTADOS UNIDOS, A REINAR ENTRE O FIM DA GUERRA FRIA, EM 1989, E A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, OCORRIDA HÁ CERCA DE 15 ANOS.

Nos dias atuais, as ascensões econômica, política e militar de países como China e Índia diluem a “pax americana”. Outros centros de poder, a exemplo da União Europeia e da Rússia, também se movimentam em um palco a testemunhar a reestruturação da correlação de forças entre potências globais e a se despedir da prevalência estadunidense nas duas primeiras décadas da era pós-Guerra Fria.

Tal reacomodação de forças leva, por exemplo, Estados Unidos e China a se digladiarem numa guerra comercial ou a trocar ameaças, por vezes a incluir matizes bélicos, na disputa de temas como a autonomia de Taiwan, a democracia em Hong Kong ou o direito à navegação internacional no Mar do Sul da China (MSC). Também leva a Índia a implementar uma política externa cada vez mais assertiva e nacionalista, enquanto a Rússia se orienta por visões imperiais, a desembocar na tragédia da invasão da Ucrânia. E a União Europeia envi-

da esforços para manter influência, apoiada numa pujança econômica em risco e numa influência cultural a desbotar.

Transformações geopolíticas intensas se sucederam nas últimas quatro décadas. A bipolaridade da Guerra Fria, período marcado pela rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, se esvaiu em 1989, com a queda do Muro de Berlim, ícone principal da divisão iniciada ao fim da década de 1940, após a luta das potências aliadas contra o nazifascismo.

Naquele momento, Washington e Moscou emergiram como superpotências globais, as primeiras a testar (e, no caso norte-americano, a usar) bombas atômicas. A doutrina, conhecida pela sigla MAD (Mutual Assured Destruction, em inglês) – percepção da capacidade de os protagonistas da Guerra Fria se dizimarem com os arsenais nucleares – levou ao chamado “equilíbrio do terror”, responsável pela lógica de evitar um conflito direto entre tropas norte-americanas e soviéticas.

MÚLTIPLOS CENTROS DE PODER SE MOVIMENTAM EM MEIO À REESTRUTURAÇÃO DE FORÇAS DAS POTÊNCIAS GLOBAIS E MOLDAM O FIM DA PREVALÊNCIA NORTE-AMERICANA DUAS DÉCADAS APÓS O FIM DA GUERRA FRIA

Canais de comunicação entre o Kremlin e a Casa Branca, além de encontros frequentes entre seus líderes, sobretudo nos anos de 1970, contribuíram de forma decisiva para um cenário a originar o termo “Guerra Fria”: jamais houve uma batalha direta entre União Soviética e Estados Unidos, apesar da intensa disputa por áreas de influência – lógica explicitada, por exemplo, em episódios bélicos como os do Vietnã (1965-1975) e do Afeganistão (1979-1989).

Com a chegada de Mikhail Gorbachov ao poder, em 1985, e o lançamento de seu plano de reforma, conhecido como *glasnost* (“transparência”, em russo), o Kremlin admitia, ainda que implicitamente, a falência do sistema soviético. A derrocada se consumou em 1991, com a desintegração do Estado socialista.

Exatamente 13 anos antes do fim do império bolchevique, outro personagem importante da Guerra Fria, a China, embarcava num ambicioso projeto mudancista, arquitetado por Deng Xiaoping. O sucessor de Mao Tsé-Tung almejava afastar o país mais populoso do planeta da ortodoxia comunista na economia.

“Não importa a cor do gato, o que importa é que mate o rato”, sentenciava, em tradução livre, um ditado do folclore chinês repetido por Xiaoping. A expressão enfatizava o pragmatismo, ao apontar, na metáfora do líder chinês, a economia de mercado como mola propulsora da prosperidade, em desafio ao ideário marxista. Sem abrir mão da fidelidade ao Partido Comunista, Xiaoping introduziu reformas graduais, ao desmontar um modelo econômico estatizado e ineficiente.

Esta alquimia foi batizada de “socialismo com características chinesas”, ao aliar a economia de mercado à manutenção do monopólio de poder nas mãos do Partido Comunista. Zhongnanhai, sede do governo em Pequim, abria o país ao investimento estrangeiro, oferecendo significativa redução de custos de produção, além de apostar na industrialização, na urbanização e na transformação da nação em plataforma de exportações.

Começava, assim, a meu ver, o século 21, do ponto de vista de dois dos mais importantes

vetores a modelar o atual período histórico: a ascensão da China e a globalização contemporânea. No plano geopolítico, quando terminou a Guerra Fria e se desintegrou a União Soviética, entre as décadas de 1980 e 1990, surgiu o cenário da unipolaridade, por meio da hegemonia ampla dos Estados Unidos. Contudo, Pequim, à época, dava os passos iniciais para, em alguns anos, emergir como o principal desafio de Washington desde a debacle soviética.

Francis Fukuyama, cientista político norte-americano, falou no “fim da história”, em livro publicado em 1992, em meio a celebrações no país estadunidense pelo triunfo na Guerra Fria. Segundo a obra, o desfecho da era bipolar explicitava a superioridade de elementos responsáveis por modelar os Estados Unidos (*american values*), como economia de merca-

## UNIPOLARIDADE DOS ESTADOS UNIDOS, ASCENSÃO PARALELA DA CHINA E GLOBALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA MARCARAM O INÍCIO DO SÉCULO 21



Jaime Spitzcovsky, jornalista e especialista em política internacional

do e democracia representativa. Washington passaria, nas duas décadas seguintes, a exercer uma hegemonia sem precedentes na história da humanidade.

Emissor da moeda mais utilizada no planeta, da língua franca a atravessar o mundo, de uma indústria do entretenimento altamente capilarizada e competitiva, de uma economia baseada em pilares cada vez mais tecnológicos e com a maior e mais poderosa máquina militar já vista, os Estados Unidos implementavam sua influência de forma cada vez mais intensa pelos quatro cantos do mundo. À época, início dos anos de 1990, não se verificava no mapa-múndi nação capaz de competir com o poderio “washingtoniano”, a ponto de Hubert Védrine, chanceler francês entre 1997 e 2002, se referir ao parceiro transatlântico como a “hiperpotência”.

No primeiro conflito global daquele período histórico, o presidente George Bush liderou uma coalizão de 35 países na Guerra do Golfo,

com o objetivo de expulsar as tropas iraquianas do Kuwait, em 1991, após a invasão ordenada pelo ditador Saddam Hussein. O conflito escancarou a superioridade militar de Washington na era da unipolaridade.

Naquele mesmo ano, o então primeiro-ministro indiano, Narasimha Rao, decidiu adaptar o modelo econômico e os rumos diplomáticos de seu país à nova realidade internacional, deixando para trás um modelo socialista e de dirigismo estatal na economia, aliado a laços prioritários com a União Soviética nos idos da Guerra Fria. Inspirada também pelos rumos da vizinha China, a Índia introduziu reformas pró-mercado, investiu no setor de serviços e iniciou uma decolagem econômica.

No plano externo, Nova Délhi redirecionou a bússola diplomática para Washington, sob o argumento de representar um contrapeso à expansão chinesa em paragens asiáticas. Os Estados Unidos, com Bill Clinton recém-chegado ao poder, viram com bons

## O CENÁRIO UNIPOLAR COMEÇOU A COLAPSAR COM A CRISE FINANCEIRA DE 2008, CUJO EPICENTRO SE LOCALIZAVA NOS ESTADOS UNIDOS E EM NAÇÕES DA UNIÃO EUROPEIA, INSERINDO OS EMERGENTES EM POSIÇÃO DE DESTAQUE NA ECONOMIA GLOBAL

olhos a aliança estratégica desenhada pela Índia. Sucessor do republicano George Bush, o democrata Bill Clinton “surfou a onda” de intenso crescimento econômico, empurrado pelos primórdios da revolução tecnológica da internet. A liderança da Casa Branca, em escala global, só fazia crescer. Em 2000, venceu as eleições George W. Bush, iniciando nova fase da era unipolar.

O governo Bush enfrentou o maior ataque terrorista da história, a 11 de setembro de 2001, numa clara ofensiva contra o mundo da unipolaridade e contra valores representados pelos norte-americanos, como liberdades individuais e democracia. A Casa Branca, em reação ao atentado, deslançou a guerra contra o terror, iniciada com a ocupação do Afeganistão, base da Al-Qaeda de Osama Bin Laden.

Em 2003, o unilateralismo da política externa de Bush se evidenciou com a invasão do Iraque, do ditador Saddam Hussein, destinada a colocar um regime aliado em Bagdá e a ampliar a influência estadunidense

no nevrálgico Oriente Médio. Enquanto a Casa Branca concentrava atenções no cenário médio-oriental, um fenômeno chamado “países emergentes” ganhava tração, com a globalização favorecendo a ascensão econômica de China, Índia, Rússia e Brasil, reunidos num estudo do banco Goldman Sachs a criar a célebre sigla “Brics”.

O cenário unipolar começou a colapsar com a crise financeira internacional de 2008/2009, cujo epicentro se localizava exatamente nos Estados Unidos e em nações da União Europeia. A superação do momento a alimentar temores de um contexto similar à Depressão de 1929 inseriu esses países emergentes em posição de destaque, empenhados em manter girando a roda da economia global.

Ganharam inaudito protagonismo fóruns como os Brics, com sua primeira reunião de cúpula em 2009, e o Grupo dos 20, a reunir as maiores economias mundiais, em contraste com os tempos de prevalência do Grupo dos 7, articulação de países industrializados no pós-

-Segunda Guerra Mundial. A China, em 2010, ultrapassou o Japão no ranking do Produto Interno Bruto (PIB), para ficar atrás apenas dos Estados Unidos.

O mundo multipolar experimentava seus primeiros passos. Eleito em 2008, o presidente Barack Obama anunciava o “pivô asiático”, vetor a nortear a política externa norte-americana e a descortinar a admissão de lidar com a ascensão chinesa como prioridade da Casa Branca. A abordagem vai perpassar, ainda que com estilos diferentes, as administrações Trump e Biden.

Dois dos principais personagens da nova era, China e Índia começaram a implementar medidas reveladoras da transferência de poderes político, econômico e militar para fronteiras asiáticas, minando, de forma definitiva, o cenário eurocentrista existente pelo menos desde os séculos 18 e 19. Pequim, por exemplo, passou a exportar capital e tecnologia e, em 2013, anunciou seu principal projeto de política externa, conhecida também como “Nova Rota da Seda”, destinada a financiar infraestrutura mundo afora, num processo de expansão da sua influência global.

A Índia, com algumas das mais impressionantes taxas de crescimento entre as grandes economias globais nos últimos anos, mergulhou num projeto de atração de investimentos estrangeiros para, nas próximas décadas, mimetizar a estratégia chinesa de industrializar e urbanizar. Busca, assim, representar, para o cenário internacional no futuro próximo, o que a China significou nas últimas décadas: um motor de desenvolvimento econômico.

Em resposta aos novos ventos, os Estados Unidos, ainda na condição de principal potência, buscam caminhos para recuperar competitividade econômica em campos como a Indústria, além de impor restrições a exportações tecnológicas à China, lançar projetos internacionais para financiar infraestrutura e reforçar articulações militares na região do Indo-Pacífico. No plano político, intensificam o discurso de liderança do mundo democrático.

Outros personagens relevantes do tabuleiro geopolítico também tentam se adaptar ao panorama multipolar. A União Europeia enfrenta desafios regionais, como o Brexit e ondas nacionalistas, mas se empenha em encontrar arquitetura capaz de manter o peso (sobretudo econômico) de um bloco com 27 países. Dona de arsenal nuclear e maior país do mundo em território, a Rússia reforça visões imperiais, como evidencia a tragédia da Guerra na Ucrânia, e alimenta alianças com gigantes asiáticos, como China e Índia.

Apostas na volta de um quadro a replicar a Guerra Fria parecem infundadas. Naquele período histórico, laços econômicos entre Washington e Moscou careciam de relevância, enquanto no mundo multipolar em formação, predomina ainda a interdependência econômica, resultado da globalização. Enquanto as rivalidades globais se acentuam no plano da geopolítica, deixando o panorama global mais instável e mais turbulento, a adição da dimensão econômica corresponde a um elemento fundamental a mostrar a complexidade do desenho do século 21.





APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO



CONCEITO CRIADO NA DÉCADA DE 1980 PELO CONSULTOR BRITÂNICO **JOHN HOWKINS**, A ECONOMIA CRIATIVA ALTEROU AS DINÂMICAS DE TRABALHO MUNDO AFORA. AFINAL, SEGUNDO HOWKINS, TRATA-SE DA PRINCIPAL FONTE DE RIQUEZA ECONÔMICA DE UM PAÍS.

## A RIQUEZA DA CRIATIVIDADE

ENTREVISTA RENATO GALENO

### O QUE É ECONOMIA CRIATIVA?

Foi uma ideia que surgiu, nas décadas de 1980 e 1990, baseada na conscientização de que a arte, o design, a mídia e a internet – até então incipiente – não são importantes apenas nos aspectos social e cultural, mas também no econômico e no industrial. Se juntarmos tudo isso à mídia, à cultura e ao design, o que temos é um setor muito importante chamado “economia criativa”. Hoje em dia, a principal mudança é o aumento das experiências online, afetando o preço, a distribuição e a forma de analisar as produções, as quais ficaram muito voláteis e mudam a cada ano. Outra grande mudança foi a maneira como a criatividade e a economia criativa se tornaram um movimento de massa.

### O SENHOR DESCREVE A ECONOMIA CRIATIVA COMO A PRIMEIRA A SE BASEAR NAS PESSOAS. COMO ASSIM?

A economia criativa só depende de ideias, opiniões e pontos de vista que partem do cérebro. O principal ativo e fonte de riqueza é a imaginação individual. Antigamente, se você era o dono da terra, você era rico e tinha status. Já não é mais assim.

Fotos: Divulgação

### É POSSÍVEL ENSINAR OU APRENDER A SER CRIATIVO?

Toda criança nasce com a matéria-prima da criatividade. A criança saudável se desenvolve de muitas maneiras, dentre as quais uma é essencial: a habilidade de imaginar que as coisas possam ser confortáveis e divertidas, dar prazer. Aos quatro anos de idade, elas vão à escola, onde precisam socializar com outras pessoas, comportarem-se, sentar em fileiras e ficar em silêncio. Não estou dizendo que a escola é ruim, mas o efeito colateral é que este instinto de criatividade é contido. E algumas pessoas nunca o recuperam.

### O QUE É CRIAÇÃO?

Quase tudo é inventado, criado ou sonhado a partir da nossa memória e das circunstâncias em que nos encontramos. Por exemplo, juntar duas novas ideias nunca reunidas ou pegar uma cor que vemos em algum lugar, talvez em uma parede, na rua. É um processo contínuo de observação, mudança e remodelamento.

### PODE NOS CONTAR SOBRE O PROCESSO CRIATIVO?

Não dá para ser criativo numa ilha deserta. Não se pode ter uma economia criativa em isolamento. É um mercado. Se alguém quiser ser criativo, enfrentará desastres. Faz parte do negócio. É solitário e difícil. Assim é o processo criativo: é preciso sentir entusiasmo, prazer. É preciso que haja interesse em ser criativo no trabalho realizado.

### QUAL É A DIFERENÇA ENTRE TER UM EMPREGO E TRABALHAR?

Eu conheço muita gente que tem um emprego, mas não trabalha muito. E conheço muitas pessoas que trabalham duro e não têm emprego. Percebi que muitas pessoas que contribuem para a economia criativa trabalham de maneiras que não se encaixam na ideia tradicional de emprego.

### COMO REALIZAR O TRABALHO INVISÍVEL E TORNÁ-LO VISÍVEL?

Precisamos da capacidade de imaginar e moldar nossas ideias. E, depois, gerenciar o processo pelo qual tornamos visível a ideia escolhida. A pessoa

criativa de sucesso realmente deve ser muito boa nestas duas tarefas. Isso é bastante raro.

### O QUE ACHA DO TRABALHO REMOTO?

Acho que as habilidades não diferem substancialmente das necessárias em qualquer lugar. Descobrimos que não precisamos ir ao escritório tanto quanto pensávamos. É uma boa ideia ir se for novo na empresa. Precisamos conhecer colegas, eles precisam nos conhecer. E o trabalho presencial é muito bom para jovens, porque a vida social deles dependerá de se manterem na empresa.

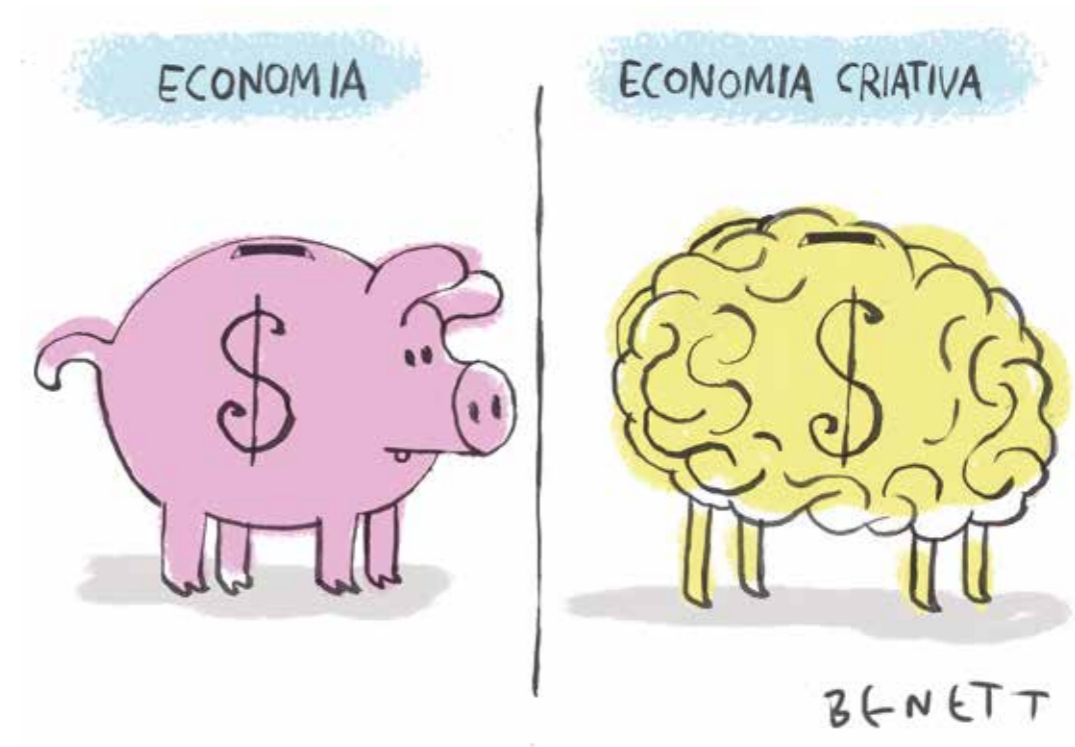
### A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) É CONSIDERADA POR MUITOS UMA AMEAÇA REAL PARA EMPREGOS. COMO DEVEMOS NOS PREPARAR?

O ponto principal é: uma máquina é capaz de criar? Elas podem produzir conteúdo criativo. Entretanto, o processo que utilizam para fazer isso é diferente. Quando escrevemos sobre algo, nós relacionamos isso com a nossa experiência pessoal. Somos conscientes disso e comentamos sobre isso. Com as máquinas não é assim.

### COMO O BRASIL PODE USAR A ECONOMIA CRIATIVA PARA SE DESENVOLVER E SE TORNAR UM PAÍS MAIS PRÓSPERO E JUSTO?

O Brasil é um país extraordinariamente criativo. Trabalhei com Gilberto Gil quando era ministro da Cultura. Vamos comparar o Brasil com a Índia. A Índia tem uma população, talvez, três ou cinco vezes maior, mas o Brasil pontua mais alto em todas as medidas. Vocês carregam mais que o próprio peso quando falamos em criatividade. Acho que o que está faltando são fatores que causem impacto. Um deles é que, por mais que Gil fizesse um bom trabalho, os governos não deram muito apoio em nível presidencial. Vocês vão precisar estruturar os ambientes empresarial e financeiro. O sistema tributário deve ser capaz de lidar com as empresas que estabelecem serviços criativos. E, finalmente, o governo precisa comissionar os talentos criativos locais. Eu sei que tem gente no Brasil que conhece estas ferramentas. Contudo, o que falta é a vontade do chefe de Estado para fazer as mudanças acontecerem.





A



## A FELICIDADE QUE NOS TORNA HUMANOS

ENTREVISTA RENATO GALENO



APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO

Foto: Renato Parada

F

A DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE FELICIDADE PERSEGUE A HUMANIDADE DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS. NA OPINIÃO DO ESCRITOR E ECONOMISTA **EDUARDO GIANNETTI**, É PRECISO CONHECER A DIMENSÃO SUBJETIVA DOS NOSSOS SENTIMENTOS. EM ENTREVISTA, REALIZADA EM PARCERIA COM O 8º ENCONTRO INTERNACIONAL PELA FELICIDADE E BEM-ESTAR, GIANNETTI, QUE OCUPA A CADEIRA NÚMERO 2 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL), REFLETE ACERCA DOS MOMENTOS ECONÔMICO E AMBIENTAL EM QUE VIVEMOS E COMO O BRASIL ESTÁ LIDANDO COM ESTE PERÍODO DE CRISES. AUTOR DE MAIS DE DEZ LIVROS SOBRE CULTURA E FILOSOFIA, DENTRE ELES *TRÓPICOS UTÓPICOS*, *O ANEL DE GIGES* E *FELICIDADE*, ELE ALERTA A RESPEITO DOS PERIGOS DA ATUAL POLARIZAÇÃO POLÍTICA PARA O FUTURO DA NAÇÃO E A NECESSIDADE DE INVESTIMENTOS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO.

U L L I A A A N I O C

**EM 2002, O SENHOR LANÇOU UM LIVRO CHAMADO FELICIDADE [COMPANHIA DAS LETRAS], EM QUE DIZ NO PRÓLOGO: “DESABAM SOBRE O MUNDO ACONTECIMENTOS QUE SACODEM E ALTERAM O NOSSO SENTIDO DE PRIORIDADES”. POR QUE CONSIDERA TÃO RELEVANTE O TEMA DA FELICIDADE?**

Se eu fosse reescrever o livro hoje, provavelmente abriria o assunto com a covid-19 e o trauma que foi na vida de todos nós, pois não esperávamos que, no século 21, algo semelhante pudesse ocorrer. Aconteceu em toda a história humana, mas imaginamos que fosse uma página virada. Contudo, não é. As coisas essenciais da vida humana basicamente não mudam, e o sentido daquele prólogo era exatamente este: momentos em se passa por uma adversidade, tanto na vida pessoal quanto na vida coletiva, são muito propícios a repensar as coisas, o que realmente importa e quais sentidos realmente valem a pena perseguir em uma existência humana. A ideia de felicidade está presente na história e na filosofia desde sempre. O mundo grego discutiu exaustivamente várias concepções do que seria a melhor vida para um ser humano. No fundo, a pergunta é: o que é a plenitude de uma existência humana? O tema que eu trouxe no livro é se, ao longo do tempo, nós estamos nos aproximando ou nos afastando de algum sentido da plenitude da existência humana. Durante muito tempo, os economistas trabalharam com a hipótese de que, à medida que a realidade material progredisse com a tecnologia, com o aumento da renda e melhores indicadores biomédicos, as pessoas se tornariam mais felizes e se sentiram bem com a vida que têm. Elas demonstrariam mais sentido de realização e de propósito na sua existência. Será que isso é verdade? O que nós começamos a ver, e o livro foi escrito exatamente por isso, foram pesquisas empíricas que passaram a perguntar para as pessoas se elas estão ou não se sentindo mais felizes à medida que o mundo ao seu redor se transformava. E as surpresas

foram muitas. Não existe nenhuma relação tão direta entre renda per capita e bem-estar humano. Há uma relação muito estreita, muito forte nos estágios iniciais, quando o país sai de uma renda muito baixa e conquista um padrão de vida tolerável de conforto e segurança material. Contudo, a partir de um certo nível de renda, essas curvas se descolam. A renda em países como Alemanha e Estados Unidos continuou crescendo acentuadamente ao longo do pós-guerra, ao passo que os indicadores do bem-estar humano ficaram totalmente estáveis como uma linha horizontal. Portanto, surgiu uma ideia tentando entender por que não há esta relação com a qual nós trabalhávamos, de que quanto mais renda, melhor; quanto mais rico, mais feliz; quanto mais próspero, mais perto da realização. Não é. O aumento de renda não se traduz em melhoria de bem-estar, não há essa relação.

**UMA FRASE DO FELICIDADE DIZ: “UMA VEZ RESOLVIDAS CERTAS CARÊNCIAS BÁSICAS, O DESAFIO DA FELICIDADE SE TORNA MUITO MAIS UMA QUESTÃO DE PSICOLOGIA E DE ÉTICA DO QUE PROPRIAMENTE DE ECONOMIA”. O BRASIL TEM DOIS PROBLEMAS: A DESIGUALDADE PROFUNDA E A MISÉRIA DE UMA PARCELA DA POPULAÇÃO. NÓS TAMBÉM TEMOS O PROBLEMA ÉTICO?**

Temos problemas de toda ordem. O que chama a atenção de pesquisas sobre felicidade, no Brasil, é que há um descolamento entre o que as pessoas falam sobre si e o que falam acerca dos demais. Não vi nenhuma pesquisa recente desde que o problema da fome voltou a se agravar no País. Mas estou me reportando ao que era um padrão relativamente estável nas décadas que precedem o degradingolar das coisas. Quando se pergunta aos brasileiros se são felizes, a ampla maioria declara que sim. Ao perguntar para a mesma amostra da população se os brasileiros, em geral, são felizes, a resposta se inverte, e apenas 25% dizem que sim. Isso é um paradoxo. Como é que cada brasileiro, ao olhar para si, se declara feliz, mas ao olhar para a vida ao redor

não percebe que os outros sejam felizes? Há três possibilidades lógicas para sair desse paradoxo. A primeira é que os brasileiros estão errados no que dizem ao próprio respeito, estão se autoenganando e observando corretamente o que veem no mundo ao redor. A segunda hipótese: os brasileiros estão errados no que dizem a respeito dos demais, mas sabem muito bem a respeito de si. A terceira hipótese: estamos usando critérios diferentes quando falamos de nós, em primeira pessoa, e quando falamos dos outros. Quando você fala em primeira pessoa, o que prevalece é a dimensão subjetiva, o sentimento, como é que eu me sinto em relação a mim mesmo. O brasileiro é muito bom em subjetividade. Então, quando se responde em primeira pessoa, olha-se para dentro, para o mundo interno. No entanto, quando se pergunta dos demais, não se usa (nem pode se usar) este acesso privilegiado que cada um tem dos estados de consciência. Observam-se as condições objetivas de existência: as pessoas têm um péssimo emprego, ganham muito mal, pegam trânsito horrível, estão em um transporte público deplorável, não têm acesso à saúde, não têm acesso a elementos fundamentais da cidadania como segurança. Essas pessoas não podem ser felizes, é evidente que elas não são. Logo, estamos usando, na minha terceira hipótese, duas maneiras diferentes de encarar a felicidade: no caso interno, a dimensão da subjetividade. No caso de olhar os demais, a dimensão, inclusive, passível de mensuração, que é a dimensão objetiva da realidade em si, as condições de vida, os bens materiais, o acesso a bens elementares da dignidade humana e assim por diante. É por isso que há esta dissociação. Em alguma medida, ela deve existir em qualquer cultura. O que chama a atenção no caso brasileiro é o tamanho da diferença, do hiato entre as dimensões subjetiva e objetiva.

**HÁ DIFERENÇA ENTRE SER FELIZ E ESTAR FELIZ?**

Não vou dar uma definição de felicidade, porque ela não existe. Há a felicidade do libertino,

do monge, do hedonista; a felicidade aristotélica, a felicidade kantiana, entre outras. Existem muitas concepções de felicidade. Uma coisa é o estar feliz, que é um estado de ânimo transitório, circunstancial: meu time ganhou o campeonato, eu acabo de me apaixonar ou eu consegui um novo emprego... Isso é o estar feliz, é estado de ânimo, sentimento transitório. Outra coisa é o ser feliz, avaliando a minha existência como um todo em muitas dimensões: afetiva, profissional, espiritual e criativa. Seja lá o que for, no ciclo de vida, posso dizer que me reconheço na vida que tive e posso declarar, em sua consciência, que eu me realizo, estou me realizando. Isso é o ser feliz. Nós temos esta dualidade do estar e do ser, que permite falar duas coisas que se confundem o tempo todo. Felicidade não é uma sucessão de picos de euforia, que podem até ser produzidos quimicamente, dado o estágio da nossa tecnologia. É a construção de uma vida, um enredo, uma trajetória. Uma pessoa pode ser feliz sem nunca ter tido momentos de muita exuberância do estar feliz, e uma vida pode ter picos extraordinários de estar feliz, momentos realmente únicos de exuberância e de plenitude, mas que não constituem um caminho, não dão resultado para o ser feliz. O jovem, de um modo geral, é muito mais orientado para o estar feliz do que para o ser feliz. É um certo amadurecimento e uma certa perspectiva em relação ao ciclo de vida que nos leva, com a passagem do tempo, a ficarmos mais atentos para o ser feliz – o qual, muitas vezes, implica o sacrifício do estar feliz. Para conquistar um objetivo remoto, preciso abrir mão de alguns prazeres muito tangíveis, que estão ao meu alcance, para construir uma relação afetiva duradora. Eu não posso, a todo momento, estar aberto e disponível para o que der e vier. Para conquistar uma certa condição de conhecimento, vou ter que, eventualmente, me privar de muitos momentos deleitosos, de felicidade mundana, porque é necessário trabalhar, estudar. Há uma tensão entre o estar feliz e o ser feliz. O jovem está muito focado no aqui e agora, viver cada dia como se fosse o último e

sonhar como se não existisse o amanhã. À medida que a pessoa amadurece e percebe que a vida não é uma sucessão de baladas, as coisas começam a ganhar outra configuração, e ela começa a arbitrar de outra maneira a relação entre estar feliz e ser feliz.

**É POSSÍVEL UM DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO SUSTENTÁVEL E QUE LEVE EM CONSIDERAÇÃO VALORES HUMANITÁRIOS?**

É possível, mas não vamos ter a ilusão de que voltaremos a viver como viviam os povos originários no Brasil. Temos de entender que eles representam uma forma de vida preciosa e que precisa ser preservada a todo custo, porque são alternativas bem-vindas a um modelo de civilização e de concepção de felicidade que, na minha opinião, está capenga, muito frágil e não entregou o que prometeu. Agora, não vamos ter ilusão de que voltaremos ao passado. Temos níveis de exigência em relação à vida material, ao conforto e à segurança, mas não podemos perder de vista o fato de que este modelo se esgota por duas razões. Primeiro, porque não é sustentável ambientalmente. Existem, hoje, mais de 7 bilhões de seres humanos [entrevista concedida em setembro de 2022, antes da divulgação da ONU de que a população mundial chegou a 8 bilhões]. O bilhão que está no topo da pirâmide de consumo consome aproximadamente a metade do dióxido de carbono e emite aproximadamente a metade dos gases do efeito estufa do nosso planeta. Os 3 bilhões que formam a classe média, no meio da pirâmide de renda, emitem 45% de dióxido de carbono global; e os 3 bilhões que estão na base da pirâmide emitem 5%. Esta conta não fecha, e não haverá tempo para que as soluções tecnológicas, sozinhas, deem respostas ao tamanho dos desafios do que temos pela frente. Portanto, esse modelo é profundamente perturbador e ameaçador do ponto de vista do metabolismo entre sociedade e natureza. O segundo limite diz respeito à crise da psicologia psíquica. Assim como há uma crise da psicologia ambiental lá fora, há uma crise do psiquismo do ocidental civilizado, porque se tentou, a ferro e fogo, mol-

dar esse psiquismo profundo de acordo com os ditames de um mundo extremamente exigente de lógica, competitividade, produtividade e racionalidade. Isso agride alguma coisa muito fundamental da psiquê humana. Vou dar um exemplo numérico: hoje, para um jovem de 15 anos, do sexo masculino, a probabilidade de morrer antes dos 50 anos de vida é maior nos Estados Unidos do que em Bangladesh. Por quê? Os demógrafos e economistas criaram um termo específico para o que está acontecendo, atualmente, em larga escala, naquele país. As mortes por desespero, causadas por opioides (medicamentos potentes), abuso de drogas, suicídio e por doenças no fígado, ligadas ao alcoolismo, estão reduzindo a expectativa de vida do conjunto da sociedade norte-americana, fato sem precedente na modernidade ocidental. Se isso não é um sintoma aberto de uma crise da ecologia psíquica, no país mais pujante, mais próspero, com a melhor tecnologia médica do planeta, não sei o que pode ser uma evidência. O nosso modelo tem de ser repensado profundamente. Continuo acreditando nisto: apesar do momento sombrio e dos pesadelos pelos quais estamos passando por aqui, o Brasil é portador de uma esperança de alternativa diante desse modelo em crise. Tanto na dimensão da relação com a natureza externa como na dimensão da relação com a natureza interna do ser humano e as culturas afro e indígena. É o que permanece como promessa de solução e de originalidade na cultura brasileira.

**O SENHOR COSTUMA MENCIONAR UMA FORMA DE TENTAR COMPREENDER O FENÔMENO DA FELICIDADE. HAVERIA DUAS FORMAS DE SER FELIZ: CONSEGUIR EFETIVAMENTE AQUILO QUE SE DESEJA OU CONTROLAR OS PRÓPRIOS DESEJOS. EM O ANEL DE GIGES [LIVRO LANÇADO POR GIANETTI, EM 2020, COM REFLEXÃO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO], VOCÊ TAMBÉM APONTA PARA OS RISCOS DE SE TENTAR DOMESTICAR EM DEMASIA OS DESEJOS HUMANOS. QUE RISCOS HAVERIA NESSA TENTATIVA DE DOMESTICAÇÃO DOS NOSSOS DESEJOS?**

## NÃO PODEMOS ENTRAR NUMA POLARIZAÇÃO RAIVOSA E VIOLENTA QUE ACABE SE TORNANDO A LEGITIMAÇÃO DE ALGUM TIPO DE AVENTURA QUE O BRASIL, DEFINITIVAMENTE, NÃO PRECISA. NÓS VIMOS COMO FOI EM 1964 E O DESASTRE QUE VEIO NA SEQUÊNCIA.

Você tocou no ponto de ligação fundamental entre o *Trópicos Utópicos* [livro lançado por Gianetti em 2016] e *O Anel de Giges*. Este último explora justamente o que coloco no *Trópicos* sobre a crise da psicologia psíquica. A humanidade demorou demais para descobrir o tamanho da ameaça que paira à medida que nós, sem nos darmos conta, como uma espécie de aprendiz de feiticeiro, vamos transformando as condições da vida sem ter uma noção plena das consequências não intencionais das nossas ações. Quem deseja a mudança climática? Ninguém. No entanto, é o fato central da vida humana no século 21. É o resultado das nossas ações, mas não das nossas intenções. É escolha humana. E, agora, nós já sabemos disso, embora alguns estejam em estado de negação. Será que algo semelhante pode estar ocorrendo no modo como nós nos relacionamos com a nossa natureza interna, com o psiquismo

que herdamos do nosso passado ancestral? A nossa mente, assim como o nosso corpo, não é algo plástico, que você possa moldar como um escultor molda o barro. Foi constituída ao longo do processo evolutivo. Os sentimentos primordiais do ser humano são frutos do nosso passado. Dor, prazer, raiva, ciúme, altruísmo e tudo o mais são resultados desta constituição profunda. Todos os sentimentos humanos são parte desta compleição animica resultado do processo evolutivo, o qual é constitutivo da nossa natureza interna. Tenho a impressão de que estamos agredindo essa compleição psíquica com a mesma severidade com que agredimos a natureza externa. O cerceamento desse psiquismo arcaico, deste sentimento profundo de que somos herdeiros do nosso corpo, está sendo massacrado por exigências impostas desde muito cedo na vida em sociedade. Um ambiente extremamente lógico,

competitivo, severo, restritivo das pulsões do ser humano e tecnológico, como é o ambiente onde vivemos hoje em dia. Podemos estar diante não apenas de uma crise ambiental, mas também de uma crise da ecologia psíquica. Em *O Anel de Giges*, tentei mostrar como duas tradições da ética, a platônica e a cristã, vão longe demais no grau de exigência que fazem a esse psiquismo arcaico que é constitutivo do animal humano. Isso produz efeitos não desejados e consequências não intencionais. O mal-estar da civilização é fruto de um psiquismo arcaico que está sendo massacrado por exigências impostas, por padrões de convivência humana, de regime de trabalho, de objetividade, de cerceamento a qualquer tipo de fantasia que não passe pelo estrito crivo da lógica. Paga-se um preço por isso.

**EM O ANEL DE GIGES, TEMOS DOIS PERIGOS QUE ASSOMBRAM A SOCIEDADE: A ORDEM EXCESSIVA E O COLAPSO DA ORDEM. SÃO OS DOIS LADOS OPOSTOS MAIS INTENSOS – TALVEZ DA MESMA MOEDA. O ESTADO BRASILEIRO ESTÁ PRESTES A ENTRAR EM COLAPSO?**

Há dois riscos polares que ameaçam a sociedade humana. Um deles é o colapso da ordem, que Hobbes chamava de “guerra de todos contra todos”, uma interação anárquica, destrutiva, em que você não tem o mínimo de segurança para sair na rua com a garantia que não será atacado. É um estado de medo generalizado, no qual a morte violenta se torna uma possibilidade para todos nós. No outro extremo, você tem o gelo totalitário, um Estado que governa e que controla minuciosamente a vida do cidadão. Um pesadelo como George Orwell escreveu em 1984, como Platão escreveu na *República*, principalmente nas leis. O cidadão não fica um minuto sozinho, está sempre sob vigilância de uma autoridade. É um Estado minuciosamente controlador do cotidiano, o que se veste, o que se come, ao que se assiste, o que se pode, o que não se pode, tudo é proibido, exceto o que é permitido. Existem essas duas possibilidades, e nós vimos sociedades que oscilam de um extremo ao outro

mais do que outras. A Alemanha, durante a República de Weimar, foi longe no sentido de uma anomia, de uma coisa selvagem, de um vale-tudo. Houve muita violência, insegurança, hiperinflação, libertinagem. Esta anarquia muito destrutiva, muito ameaçadora, deu ensejo a uma reação provavelmente sem paralelo na história humana: o nazismo e a ordem totalitária imposta por este regime. Estamos falando do povo considerado o mais educado da Europa no início do século 20. Então, tem-se realmente um experimento em larga e trágica escala de até onde chegam os dois polos dessa dualidade, o colapso da ordem e a ordem massacrante. Acho que o Brasil também vive momentos em que essa dualidade e o pêndulo do deslocamento entre uma e outra marcam a



nossa coexistência. O período que precedeu o golpe militar de 1964 foi um período claro de insegurança geral, medo em relação ao futuro, as instituições estavam muito esgarçadas, a inflação, o descalabro, aquela percepção de que o mundo está ruindo, de que não há segurança mais para nada. Houve uma adesão ao golpe, gostemos ou não disso. Houve uma forte adesão do sentimento da maioria dos brasileiros à ruptura que foi o golpe de 1964, tanto que não houve qualquer reação. O que veio depois é outra história, mas se chegou ao momento em que, exagerando um pouco, as pessoas concluíram que qualquer governo é melhor do que a ausência de governo. No momento atual, o que contam aqueles que desejam impor à coletividade brasileira uma ordem de cima para baixo? Que a violência, a bagunça e a confusão cheguem a tal ponto, inclusive na política, que a sociedade acabe se resignando à necessidade de algum tipo de ruptura que restabeleça um princípio de ordem e segurança. Nós, cidadãos responsáveis, temos de impedir que isso aconteça em nome da manutenção das nossas conquistas da democracia e da nossa Constituição. Não podemos entrar numa polarização raivosa e violenta que acabe se tornando a legitimação de algum tipo de aventura que o Brasil, definitivamente, não precisa. Nós vimos como foi em 1964 e o desastre que veio na sequência.

**SERÁ QUE PODEMOS CHAMAR O ORÇAMENTO SECRETO DAS EMENDAS PARLAMENTARES DE “GIGES”?**

O político brasileiro, quando entra no Congresso Nacional, se sente como se tivesse ganhado um anelzinho de Giges: agora chegou a minha vez, agora eu posso, é foro privilegiado. A política brasileira é muito isto: aos amigos tudo; aos inimigos, a lei. Nós ainda estamos numa espécie de Antigo Regime. Por incrível que pareça, o Brasil ainda vive muito sob esse regime. Alguns estão acima da lei e alguns estão abaixo da lei, porque vivem na selva do vale-tudo, do “salve-se quem puder”, na marginalidade, na criminalidade etc. Se que-

remos construir cidadania para valer, temos que eliminar esta dupla anomalia dos que estão acima da lei e dos que estão abaixo da lei. O princípio da igualdade perante a lei ainda é um desiderato no Brasil, não é conquistado e garantido para todos.

**O SENHOR SE DIZ PREOCUPADO COM A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NO PAÍS. POR QUÊ?**

Se me perguntarem o acontecimento mais importante da minha geração, diria o seguinte: a transição demográfica pela qual passa o País. Isso acontece na vida de todas as nações, mas, no Brasil, aconteceu com uma rapidez quase vertiginosa. Houve uma grande transição demográfica. Primeiro, a base da pirâmide etária alargou enormemente, porque a população explodiu no pós-guerra. A partir dos anos de 1970, o número de filhos por mulher começou a cair em queda livre, o que na Europa demorou 60 anos para acontecer. A base da pirâmide começou a estreitar. Em um segundo momento, que é onde estamos, você sai da pirâmide e está no barril: o miolo está grande, a base está estreitando e o vértice ainda é pequeno. As implicações disso são tremendas. Se não houver aumento da produtividade dos brasileiros – e cada vez menos pessoas entrarão no mercado de trabalho –, não será possível sustentar o mínimo de segurança, conforto e bem-estar material para o topo das faixas etárias. É necessário aumentar a produtividade para transferir renda entre gerações. A taxa de dependência – que, agora, está no mínimo – vai começar a crescer fortemente. O número de pessoas que não está no mercado de trabalho vai crescer muito mais rapidamente do que o número de pessoas no mercado de trabalho. Se não aumentar a produtividade, não tem como transferir renda e bem-estar para quem está lá em cima no topo da pirâmide etária. Contudo, também é uma enorme oportunidade para melhorar a qualidade de ensino. Mesmo mantendo o gasto atual, o investimento per capita pode aumentar muito. Há uma queda muito forte do número de matrículas nos anos iniciais do ensino público. Existe uma chance

concreta, por exemplo, de se ampliar o regime de tempo integral. Cada vez mais são menos alunos nas escolas. Logo, podemos cuidar com muito mais ênfase, muito mais recursos, de cada um desses jovens. Podemos dar a eles uma condição de capacitação e de preparo que era praticamente impossível quando uma escola precisava ter dois ou três turnos para acomodar um grande fluxo de estudantes. Nós podemos, agora, realmente olhar para a questão da qualidade de ensino de uma maneira muito mais consequente. É possível fazer muito mais com o mesmo – e dá para fazer mais ainda com mais recursos. Entretanto, não adianta imaginar que gastar mais dará conta do problema se o recurso não for muito bem usado. O que que nós precisamos ter certeza no Brasil? Que o jovem, ao terminar o ensino fundamental, de fato, tenha adquirido a capacidade, os conhecimentos e as habilidades correspondentes a esta etapa do ciclo educacional. Nós estamos muito longe de ter isso. Hoje, ao terminar o ensino fundamental, boa parte desses jovens, um terço ou mais, é analfabeta funcional: cumpriu o ensino no papel, mas não adquiriu o lastro de conhecimento correspondente.

**FALA-SE MUITO DO SURGIMENTO DE UMA EFERVESCÊNCIA, DE UMA RETÓRICA DO DISCURSO POLÍTICO NO BRASIL, NUMA AGRESSIVIDADE E NUMA DISCORDÂNCIA. ISSO MUDOU A NOSSA AFETIVIDADE? NÓS MUDAMOS NESTES ÚLTIMOS TRÊS ANOS OU É SÓ UM TRANSITÓRIO NA SOCIEDADE?**

É um traço permanente da nossa cultura e que nos acompanha desde a carta de Pero Vaz de Caminha, quando aquele Diogo Dias, um português recém-chegado, cruza o rio e vai gaiteiro dançar com os indígenas na outra margem do rio, o que eu chamo de “o primeiro ensaio do carnaval”. Isso é um traço permanente. Os portugueses tinham um *know-how* de alteridade que os ingleses não tinham. Por quê? Porque os portugueses, assim como os espanhóis, foram, durante oito séculos, submetidos à dominação moura, que dominou a Penínsu-

la Ibérica. Eles tinham uma disponibilidade para o entendimento de uma outra cultura que os anglo-saxões, que nunca tinham visto pessoa da cor negra ou um indígena nativo, não tinham. Agora, outro aspecto da cultura brasileira é que nós temos uma das imaginações mais voláteis de que tenho conhecimento. Quando as coisas vão bem no Brasil, entramos com muita facilidade no clima do *Brasil tropical* de Jorge Ben Jor, um país tropical abençoado por Deus, bonito por natureza e só beleza. É tudo do bem e o mundo fica babando. Nós somos, fazemos e acontecemos. Ganhamos a Copa do Mundo, uma euforia. Estes momentos existem, e vivemos algo que tangenciou isso, não faz tanto tempo, no fim do governo Lula, no primeiro mandato.

**E QUANDO DÃO ERRADO?**

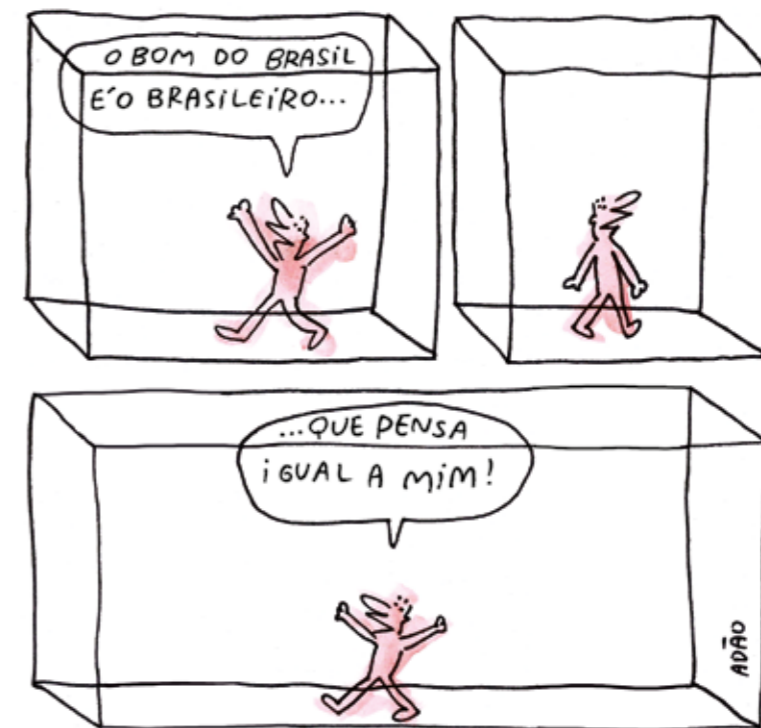
Quando as coisas dão errado, o País entra em recessão, enfrenta crises política e inflacionária, a mendicância volta, nosso pêndulo vai para o outro extremo. O último que sair apaga a luz do aeroporto. Isso é uma desgraça a perder de vista, uma desgraça total, tudo deu errado, não tem a menor condição, “quero sair o mais rápido possível deste país e tudo o mais”. Acredito que nenhum dos dois extremos se sustente, porque a realidade nunca era tão boa como parecia, mas também não é tão ruim como parece agora. A lâmina da sobriedade tem de cortar dos dois lados. Eu já vi o Brasil passar por este ciclo algumas vezes, não me assusto mais quando as coisas degringolam. Agora, também fico com um pé atrás quando vejo um otimismo em um estado quase eufórico de negação dos nossos problemas que continuam em educação, saneamento e segurança. Espero que, na próxima vez que as coisas começarem a melhorar no Brasil, e o sentimento forte de confiança no nosso futuro voltar, não enfiemos os pés pelas mãos outra vez, como fizemos com Juscelino [Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil entre 1956 e 1961], como fizemos com o milagre econômico no regime militar e, infelizmente, como foi a degringolada no governo Dilma [*ex-presidente*

O MUNDO E AS LEIS DA ECONOMIA NÃO TOLERAM QUALQUER DESAFORO. NÓS ACABAMOS DE VER ISSO. A ECONOMIA É COMO A SAÚDE: SE VOCÊ ABUSAR DEMAIS, ELA SE IMPÕE E EXIGE ALGUM TIPO DE CORREÇÃO, MUITAS VEZES DOLOROSA.

*Dilma Rousseff, presidente do Brasil entre 2011 e 2016*], com o desastre épico pelo qual estamos pagando muito caro até hoje. Não existiria esta aventura bolsonarista sem aquele desastre. Será que amadurecemos o suficiente para, da próxima vez que os ventos soprarem a nosso favor, construirmos uma esperança e uma confiança em relação à nossa potencialidade cultural e à nossa possibilidade de oferecer algo novo e original ao mundo? Será que vamos ter a maturidade e a consistência de não imaginar que podemos tudo e partir para qualquer tipo de aventura, especialmente no campo econômico?

**E O PAÍS EM RELAÇÃO AO MUNDO, NESTE CONTEXTO QUE ACABOU DE DESCREVER?**

O mundo e as leis da economia não toleram qualquer desaforo. Nós acabamos de ver isso. É como a saúde: se você abusar demais, ela se impõe e exige algum tipo de correção, muitas vezes dolorosa. O que eu espero e torço é que, quando os bons tempos e a confiança voltarem, a gente tenha um pouco mais de sobriedade, para não entrar no clima daquela euforia inconsequente de achar que Deus é brasileiro e, por isso, não precisamos fazer nada agora para melhorar o nosso futuro, pois o nosso futuro é destino. Não é destino, vamos ter de construí-lo – e vai dar trabalho.



**JORGE FORBES,**  
psicanalista,  
psiquiatra e  
escritor

APONTE O CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA EM VÍDEO



NO MUNDO DE  
HOJE, EXISTE UMA  
MULTIPLICIDADE DE  
RAZÕES, E QUEREMOS  
LIDAR COM ESSA  
MULTIPLICIDADE COMO SE  
HOUVESSE UMA RAZÃO  
MAIOR QUE AS OUTRAS.  
ISSO NÃO EXISTE.





APONTE O  
CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA  
EM VÍDEO

## RESSIGNIFICAR A SALA DE AULA

ENTREVISTA SABINE RIGHETTI

A RECUPERAÇÃO DO SETOR DA EDUCAÇÃO, APÓS UM PERÍODO DE CRISE SANITÁRIA – QUE ACENTOU A EVASÃO E O ABANDONO ESCOLAR –, IMPÕE MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA GESTÃO DO SISTEMA DE ENSINO. PARA ISSO, EXISTEM ALGUNS CAMINHOS, COMO APONTA **OLAVO NOGUEIRA FILHO**, DIRETOR-EXECUTIVO DO MOVIMENTO TODOS PELA EDUCAÇÃO. UM DELES É O FORTALECIMENTO DO GOVERNO FEDERAL COMO ARTICULADOR NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS, DURADOURAS E QUE VALORIZEM OS PROFESSORES EM SALA DE AULA.



Foto: Divulgação/Faap

**QUAL FOI O IMPACTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO? O QUE É POSSÍVEL FAZER PARA MINIMIZAR AS CONSEQUÊNCIAS CAUSADAS PELOS QUASE DOIS ANOS DE ESCOLAS FECHADAS?** Os efeitos da pandemia ainda estão aí. Caberá ao governo federal lançar mão de uma ação coordenada com Estados e municípios para fazer frente a estes efeitos mais imediatos. Há exemplos do que seriam estas ações. A primeira delas é garantir que, de fato, todas as crianças e todos os jovens retornem e permaneçam nas escolas. Não há indícios de uma explosão de abandono ou evasão escolar. No entanto, há indicadores que apontam para o risco de que isso venha a acontecer ao longo dos próximos meses e anos. Há uma segunda frente que tem a ver com a questão da segurança alimentar. Dados mostram que o País passa por um problema muito grave no que diz respeito à fome, que tem afetado, sobretudo, as famílias mais pobres, muitas delas com crianças e jovens. Uma terceira vertente é a da saúde emocional. Este é um problema que já existia, mas que foi bastante acentuado na pandemia. Não apenas a saúde mental dos estudantes, mas também a saúde emocional dos professores. Algumas redes de ensino têm lançado mão de ações neste sentido, mas não há uma ação nacional coordenada. Por fim, não menos importante, é a questão da aprendizagem. Houve um impacto muito grande na aprendizagem dos estudantes, sobretudo dos mais pobres, que tiveram dificuldade em acessar o ensino remoto durante a pandemia. É fundamental, mais uma vez, que o governo federal, ao lado de Estados e municípios, avance em ações de natureza emergencial para recompor e superar lacunas de aprendizagem deixadas pela crise.

**EM RELAÇÃO AO APRENDIZADO, É POSSÍVEL MENSURAR OS IMPACTOS?**

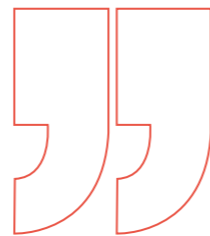
Os dados oficiais mais recentes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) deixam claro que, na comparação entre 2019 – ou seja, antes da pandemia – e 2021, hou-

ve muito impacto. No entanto, tentamos chamar a atenção para o fato de que esses dados parecem subestimados. Quanto à alfabetização, os dados indicam que parece ter dobrado o número de crianças, ao fim do segundo ano, que não sabem ler nem escrever, com quase oito anos de idade. Saímos de um cenário de cerca de 20% de crianças que não sabiam ler nem escrever, em 2019, para em torno de 45%, agora. Se não houver uma ação emergencial, não apenas voltada a esta questão, mas para toda a trajetória escolar, vamos ter problemas muito sérios no médio e no longo prazos. Educação é um esforço cumulativo e começa na alfabetização. Se não conseguirmos vencer esse primeiro desafio básico, toda trajetória escolar de uma criança e de um jovem fica prejudicada.

**O QUE PODERÍAMOS FAZER DE FORMA DIFERENTE CASO SEJA NECESSÁRIO ENFRENTAR UMA NOVA SITUAÇÃO COMO A DA PANDEMIA?**

Somos um país com dimensões continentais e estrutura federativa na qual Estados e municípios têm razoável autonomia, além de ser muito desigual. Um país com estas características, mesmo em condições normais, tem, no governo federal, um ator central para fazer as políticas sociais avançarem. Políticas que consigam reduzir as desigualdades. No caso da educação, é emblemático. Quando existe uma situação pandêmica, diante de uma série de desafios sem precedentes, com pessoas não sabendo como reagir àquela situação, o papel do governo federal, em um país com essas características, é absolutamente crítico. Infelizmente, o que observamos na pandemia foi um governo que, no caso da educação, não buscou coordenar uma resposta articulada com Estados e municípios. O governo optou por deixar estas regiões atuarem por conta própria. O que vimos, na prática, foi um conjunto de medidas heterogêneas, desiguais entre si. Alguns que tinham mais capacidade institucional conseguiram avançar naquilo que era possível, e o grosso dos Estados e municípios, com muita dificuldade de fazer e lançar medidas de enfrentamento à pandemia, não

## EDUCAÇÃO É UM ESFORÇO CUMULATIVO QUE COMEÇA NA ALFABETIZAÇÃO. SE NÃO CONSEGUIRMOS VENCER ESTE PRIMEIRO DESAFIO BÁSICO, TODA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UMA CRIANÇA E DE UM JOVEM FICARÁ PREJUDICADA.



conseguiu avançar. O fato de termos tido quase o recorde mundial em número de dias de escolas fechadas também tem a ver com esta ausência de coordenação. Numa eventual nova pandemia, é extremamente importante entendermos a centralidade da coordenação do governo federal em um momento atípico desta natureza. Sem o governo federal, o enfrentamento se torna muito mais frágil.

**QUAL É O LEGADO DA PANDEMIA? O QUE APRENDEMOS EM TERMOS DE TECNOLOGIA E QUE PODE SERVIR PARA A EDUCAÇÃO DE MANEIRA PERMANENTE?**

A discussão é menos se a tecnologia deve fazer parte da educação e mais como a tecnologia pode fazer parte dela. A agenda da tecnologia não será a grande alavanca para as mudanças que precisamos fazer acontecer. Não há nenhuma experiência no mundo, mesmo nos países mais desenvolvidos, em que a tecnologia serviu como grande impulsionador de uma transformação educacional, apesar de ter um papel importante como instrumento de auxílio pedagógico para professores e alunos. Há muitas tecnologias que podem ajudar na gestão dos sistemas educacionais e das escolas, bem como na comunicação e na articulação com os pais. Há espaço para a tecnologia

apoiar e ajudar a educação. Isso não significa que devemos apostar todas as nossas fichas nela, como uma “bala de prata” para resolver os problemas. É preciso entender até onde ela pode contribuir e incorporá-la como algo importante no projeto da educação.

**ENTÃO NÃO É O CASO, POR EXEMPLO, DE ALFABETIZAÇÃO POR APLICATIVO, COMO CHEGOU A SER DISCUTIDO?**

Há uma série de ferramentas, não só na alfabetização, mas em outras etapas da educação básica, que podem, sim, ser muito importantes para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. A tecnologia tem um potencial muito grande de impacto nos processos educativos, desde que esteja nas mãos dos docentes. E que estes estejam preparados e com condições de trabalho para poder fazer o bom uso dela como recurso pedagógico. Um aplicativo para alfabetização ou qualquer outra coisa entra nesta seara, mas não como a solução.

**O QUE PODEMOS DIZER EM RELAÇÃO AO PAPEL E À FORMAÇÃO DO PROFESSOR? HÁ UM LEVANTAMENTO QUE MOSTRA, POR EXEMPLO, QUE PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA NÃO ATUA NA ÁREA EM QUE É FORMADO. ESTAMOS FALANDO DE UM PROFESSOR DE**

**INGLÊS FORMADO EM BIOLOGIA, POR EXEMPLO.** O primeiro movimento que precisa ser feito é entendermos o professor como parte da solução, e não como um problema. Os países que fizeram a virada da educação enxergaram a figura deste profissional como figura central dentro do projeto de transformação. A questão da formação inicial dos professores é uma delas. Não estamos falando apenas dos professores que atuam sem formação na área, mas também uma formação inicial que não prepara, mesmo aqueles que trabalham nas disciplinas em que se formaram. Isso se deve, em grande medida, a uma formação muito deficitária, que não prepara estas pessoas para o exercício da docência. Há também o problema do ensino a distância. Nós temos, hoje, entre os estudantes de Pedagogia e Licenciatura, mais de 60% se formando 100% a distância. É um caminho inconcebível para um país que quer, de fato, ter uma educação melhor.

**ISSO JÁ ACONTECIA ANTES DA PANDEMIA...**

Sim. É um cenário que aumenta ano após ano, resultante de uma regulamentação muito frágil que tem permitido este tipo de avanço. Há espaço para o ensino a distância, mas 100% a distância está em descompasso com as melhores experiências que observamos no mundo. Quando entramos em uma discussão sobre carreira, desenvolvimento profissional e condições de trabalho, 40% das professoras e dos professores brasileiros lecionam em mais de uma escola. Não dá para esperarmos uma transformação na educação sem que todos os professores deem aula em apenas uma escola. Um projeto que permita que o profissional conheça os seus alunos e os seus pares. Uma escola de tempo integral permite que o professor tenha uma dedicação exclusiva de 40 horas a um único lugar, o que faz com que ele tenha condições de trabalho muito superiores ao que observamos na média nacional. Também é necessário a reformulação da carreira. Ainda imperam, no País, os modelos em que o avanço na carreira se dá por titulação ou tempo de serviço. Isso está descolado das expe-

riências de maior êxito em outras nações que conseguiram, de fato, construir uma profissão docente forte.

**AS ESCOLAS PÚBLICAS INTEGRAIS, ONDE ATUAM PROFESSORES COM UMA CARREIRA DOCENTE CONSOLIDADA – COMO NO CASO DOS INSTITUTOS FEDERAIS –, TÊM BONS ÍNDICES NAS AVALIAÇÕES INTERNACIONAIS. A QUESTÃO É OLHAR E CONSEGUIR ESPALHAR O MODELO QUE JÁ TEMOS?** O Brasil tem, atualmente, um cenário diferente no que diz respeito a boas práticas em larga escala. A experiência dos institutos federais é uma delas, mas existem alguns Estados e municípios que conseguiram, nos últimos anos, avançar em políticas públicas estruturantes – e os resultados apareceram. Pernambuco é uma grande referência. O que fez ao longo dos últimos 15 anos? Introduziu um novo modelo de ensino médio, com um novo modelo pedagógico ancorado na ideia de escola de tempo integral. Há também o caso do Ceará, que conseguiu revolucionar os índices de alfabetização em um período razoavelmente curto. O Estado tem, hoje, um dos melhores resultados nacionais, além de um índice menor de desigualdade entre resultados de estudantes mais pobres e mais ricos. É consequência de boa formulação, boa implementação e prioridades política e de continuidade ao longo do tempo.

**QUAL QUESTÃO DA EDUCAÇÃO EM GERAL VOCÊ GOSTARIA QUE JÁ ESTIVESSE SUPERADA?**

Não faltam desafios reais e importantes. É preciso ter um Ministério da Educação que coordene e articule um projeto nacional com Estados e municípios. E, por fim, destacaria a importância de um projeto de médio e longo prazos. As experiências e os sucessos no Brasil não são frutos de esforços de quatro anos. Elas atravessam diferentes gestões. Um governo não conseguirá resolver todos os problemas da educação em quatro anos, mas, sem dúvida, pode dar o primeiro passo e inaugurar um novo capítulo para a educação básica nacional.

# NEGÓCIOS COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

TEXTO ALEXANDRE ROCHA

O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE GANHA FORÇA NO MEIO CORPORATIVO. NÃO SÓ PORQUE PEGA BEM TER A MARCA ASSOCIADA À PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, MAS TAMBÉM PORQUE CONSUMIDORES E INVESTIDORES EXIGEM, CADA VEZ MAIS, QUE AS EMPRESAS SE POSICIONEM SOBRE OS IMPACTOS QUE CAUSAM E ADOTEM BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS, SOCIAIS E DE GOVERNANÇA, OS TRÊS PILARES REPRESENTADOS PELA SIGLA EM INGLÊS ESG.



APONTE O CELULAR PARA ESTE CÓDIGO QR E ASSISTA À SÉRIE DE ENTREVISTAS SOBRE PRÁTICAS ESG NO AMBIENTE CORPORATIVO

Foto: Divulgação



A abreviatura em si deixa claro que a sustentabilidade vai muito além do cuidado com a natureza. As empresas têm de estar atentas aos efeitos das suas atividades na sociedade e à forma como os seus negócios são geridos. Aqui, transparência é a palavra-chave – e isso significa que as companhias devem divulgar o que fazem de bom, mas também os problemas que têm e o que pretendem fazer para resolvê-los.

“Não se posicionar é um posicionamento. O silêncio diz muita coisa”, diz Valéria Café, diretora de Vocalização e Influência do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) e integrante do Comitê ESG da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP). Segundo ela, a decisão de compra do consumidor vai além do produto e passa a incluir aquilo que este representa a ele.

Se os consumidores esperam engajamento, as companhias precisam incorporar a sustentabilidade na estratégia. Não basta ser parcialmente sustentável e usar boas iniciativas como marketing se a empresa esconde o que é ruim. Ações beneficentes, por si só, não são suficientes. Práticas ESG devem fazer parte da cultura. “O consumidor espera que a empresa seja um agente de transformação”, destaca a executiva do IBGC. Mais do que boas histórias, é necessário provar que o negócio gera impactos positivos.

O nível de engajamento entre a classe empresarial ainda varia. Para se declarar sustentável, uma empresa precisa adotar métricas, metas e programas de capacitação. As ações precisam envolver todos os interessados: empregados, clientes, fornecedores, parceiros e comunidade.

Afinal, quem busca um produto sustentável vai querer saber não só se a indústria que o fabricou adota boas práticas, como também se seus fornecedores de matérias-primas e insumos fazem o mesmo.

#### INCENTIVO FINANCEIRO

Este discurso também vale para os investidores. O mercado financeiro é, hoje, um dos principais indutores da pauta ESG no setor privado. O tema ganhou escala quando Larry Fink, CEO da BlackRock, maior gestora de fundos do mundo, declarou que “risco climático é risco de investimento” e que a companhia passaria a privilegiar aplicações sustentáveis.

Os especialistas apontam que a preocupação com a agenda ESG é realidade principalmente entre empresas grandes, em especial as “listadas em Bolsa”. Contudo, conforme a cobrança de consumidores e investidores recai sobre a cadeia, companhias menores que fornecem às maiores são também pressionadas a adotar melhores práticas – inclusive, algumas já nascem com ESG no DNA [leia o box na pág 89].

O acesso a recursos financeiros tem um papel preponderante no processo. Consultor de Marketing e Design para Sustentabilidade, André Carvalhal conta que costuma ser procurado por empresas para implantar políticas ESG porque os acionistas exigem. “Quando bate no bolso, a vontade de transformar acaba ganhando fôlego”, diz.



**NÃO SE POSICIONAR [SOBRE ESG] É UM POSICIONAMENTO. O SILÊNCIO DIZ MUITA COISA.**

**VALÉRIA CAFÉ, diretora de Vocalização e Influência do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) e integrante do Comitê ESG da FecomercioSP**

Por esta razão, o tema da sustentabilidade está no topo das prioridades “não financeiras” do sistema monetário, segundo observa Luana Ozemela, CEO da Dima Consult, consultoria de internacionalização de empresas com sede no Catar. Contudo, a despeito de muito capital disponível para financiar iniciativas sustentáveis, ainda não há muitos projetos bons, segundo a impressão de Carolina da Costa, sócia da gestora Mauá Capital para ESG e Novos Negócios e integrante do Comitê ESG da FecomercioSP.

“Em mercados mais maduros, na Europa, por exemplo, os reguladores estão adotando critérios muito específicos para inserir rótulos ESG em emissões [de títulos]”, diz Carolina. Para levantar recursos, empresas emitem títulos privados de renda fixa. O selo ESG é um atrativo a mais.

#### “MAQUIAGEM VERDE”

No mundo desenvolvido, ações de agências reguladoras na área estão se tornando mais comuns. Em abril de 2022, uma força-tarefa de ESG da Securities and Exchange Commission (SEC), a comissão de valores mobiliários dos Estados Unidos, acusou a mineradora brasileira

Vale de induzir investidores a erro ao divulgar informações enganosas sobre a segurança de barragens, antes do desastre de Brumadinho (MG), em 2019, que acabou matando 270 pessoas. Os papéis da Vale são negociados na Bolsa nos Estados Unidos, daí a atuação da SEC. Na ocasião, a Vale negou as alegações e informou que iria contestá-las.

Na Alemanha, a DWS, divisão de investimentos do Deutsche Bank, foi alvo de uma operação policial de busca e apreensão no âmbito de uma investigação sobre *greenwashing* em 2022. O termo diz respeito à prática de “maquiagem verde”, ou seja, vender como sustentável algo que não é. A empresa nega irregularidades. O caso da DWS é visto como um possível ponto de virada na fiscalização de práticas do tipo no mercado financeiro internacional, com as autoridades tornando-se mais rigorosas.

A fiscalização do mercado no Brasil ainda não chegou a este nível, mas a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) está atenta ao tema e ao que acontece lá fora. A partir de 2023, as companhias brasileiras de capital aberto terão de divulgar, em um formulário de referência, informações sobre riscos ambientais, sociais e



Para Luana Ozemela, a diversidade tem sido adotada mais por risco de reputação do que pelos benefícios de um ambiente heterogêneo. André Carvalho salienta que essa transformação ainda não foi totalmente absorvida pelas empresas

de governança – incluindo emissões de gases causadores do efeito estufa –, ou explicar por que não dispõem destes dados. A diversidade do quadro de administradores e funcionários também deverá ser informada.

Isto é, preocupações que, antes, cabiam a órgãos de fiscalização setoriais passam, agora, a ser problema também dos reguladores do mercado. Em 2015, por exemplo, a Agência de Proteção Ambiental norte-americana acusou a Volkswagen de trapacear em teste de emissões, no escândalo que ficou conhecido como Dieseldgate. A empresa fez publicidade do baixo nível de emissões de seus veículos, mas os carros vinham com um software que mudava o desempenho em testes para melhorar os resultados. A própria companhia reconheceu a fraude.

“No Brasil, vemos de tudo. Há empresas ainda na era da narrativa, de contar uma história, e outras desenvolvendo mecanismos superinovadores, centrados na estratégia de integrar a cadeia de valor”, analisa Carolina. Ela acrescenta, porém, que, por aqui, ainda há poucas companhias com “ESG profundo”.

Na área Social, André Carvalho cita o exemplo da indústria da moda, para a qual trabalhou por muitos anos. Pouco a pouco, a diversidade se faz mais presente nas campanhas das marcas, mas não obrigatoriamente nos quadros das companhias. “Há um desequilíbrio grande de raça dentro das empresas, principalmente em posições de liderança, mas há muita presença nas campanhas. Nós vemos [a diversidade] sendo absorvida culturalmente na produção de imagens, mas não significa que as transformações tenham sido absorvidas de forma interna”, explica.

#### RESISTÊNCIA DO MERCADO

Políticas de sustentabilidade são adotadas mais pelo risco do que pelos benefícios que, de fato, proporcionam, na visão de Luana

## CHOCOLATES FEITOS COM PROPÓSITO

Exemplo de empresa que nasceu com ESG no DNA, além de dar retorno financeiro, a Dengo Chocolates tem por objetivos ampliar a renda de produtores de cacau no sul da Bahia e preservar o meio ambiente. “Os negócios que não têm compromissos socioambientais ou causas importantes no seu *core* já estão morrendo”, destaca o fundador e CEO da companhia, Estevan Sartoreli. Confira trechos de entrevista que ele concedeu ao UM BRASIL.

ENTREVISTA MÔNICA SODRÉ

#### O QUE É A DENGO?

A Dengo nasceu em 2017, como um negócio de impacto social. Costumo dizer que o mundo não precisa de mais marcas, mas de mais negócios comprometidos com os desafios socioambientais. Nascermos com um primeiro propósito: gerar renda justa e decente para pequenos e médios produtores de cacau no sul da Bahia. E por que isso é importante? Como consumidores de um chocolate prazeroso, muitos de nós não nos preocupamos em saber o que está por trás disso. A atividade cacauera no Brasil tem cerca de 93 mil estabelecimentos, 69 mil só na Bahia. O tamanho médio de uma propriedade é de 12 hectares. A renda média de um produtor de cacau, de quase metade deles, é de menos de um salário mínimo, para manter uma família de três a quatro pessoas. É uma situação sensível de renda e de produção. Triste constatar que um produto tão saboroso, que gera tanto prazer, tem por trás uma mazela na cadeia. Não só no olhar social, mas no ambiental também.

**A DENGO ESCOLHEU UM MÉTODO DE PRODUÇÃO, A CABRUCA, TÍPICO DA MATA ATLÂNTICA. COMO FOI O PROCESSO DE ENGAJAMENTO DOS PRODUTORES NESTE MODELO E O QUE JÁ FOI POSSÍVEL MUDAR DE REALIDADE?**

Nós nascemos com um compromisso de dobrar a renda de pelo menos 3 mil produtores até 2030. Aí mora o principal objetivo social da marca. No que tange ao aspecto ambiental, 100% do cacau da Dengo vêm de um sistema agroflorestal, a cabruca, que é o plantio do cacau debaixo da sombra da Mata Atlântica. Um modelo belo, porque promove a conservação produtiva, fazendo com que o produtor tenha renda decorrente da venda daquele cacau, mas preserve a floresta em pé. Conduzimos um estudo sobre o potencial de carbono da cabruca. Em apenas um hectare, identificamos que ela sequestra, por ano, mais de 60 toneladas de dióxido de carbono equivalentes. Isso é quase o dobro do modelo de cacau a pleno sol. Acreditamos ser possível construir uma nova realidade de cadeia.

**QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS E O QUE JÁ FOI POSSÍVEL SUPERAR?**

Não vai existir cacau de qualidade se não existir produtor. Para que ele possa permanecer no campo e proporcionar uma renda decente para si e para as futuras gerações, precisamos entender a questão sob uma ótica de negócios, de renda. O desafio que temos é como ampliar a renda desse produtor. Como a Dengo tem procurado fazer isso? O produtor recebe mais pelo cacau de qualidade que fornece, de 70% a 160% acima do mercado. Temos procurado fazer isso por meio de capacitação técnica gratuita, disseminando boas práticas de pós-colheita e beneficiamento do cacau de qualidade. Também pela diversificação de fontes de receita do produtor. As frutas presentes em um dos carros-chefe da marca, o famoso quebra-quebra – aquelas barras grandes de chocolate com castanhas brasileiras – são oriundas dos mesmos produtores, que têm uma renda extra por fornecer outros ativos da biodiversidade. Em relação ao sistema agrícola, temos outros desafios. O estresse que as mudanças climáticas causam, quer seja pelo excesso de chuva, quer seja pela falta de água, já tem gerado momentos de flutuação da produtividade anual do produtor, e isso reflete no impacto financeiro. Não tem como acharmos que não vamos pagar esta conta. Estamos discutindo a importância da renda justa e do preço justo do chocolate.

**QUAL O POTENCIAL DE INDUÇÃO QUE O MODELO TEM NO COMPORTAMENTO DE OUTROS ATORES?**

Podemos dizer que somos uma influência para outros negócios – e somos influenciados por eles. Até então, nós vivíamos numa cadeia altamente sensível aos preços e focada em competição por custo. Há uma necessidade de mudança, de entender que as externalidades não existem num país e num mundo onde não tenha quintal. Precisamos incorporar as questões de saúde, de renda, de respeito ao meio ambiente, no custeio do que consumimos. Isso, sem dúvida, vai exigir algumas ondas de reprecificação ou ampliação do nível de consciência. Reconhecer que nós podemos consumir melhor e, talvez, menos.

**COMO APLICAR A AGENDA ESG NA PONTA DOS NEGÓCIOS? QUAIS COMPROMISSOS A DENGO TEM COM SEUS TRABALHADORES?**

Sob a ótica de consumo e varejo, acreditamos que a relação comercial não precisa ser pautada por técnicas de venda. Nós buscamos proporcionar experiências ricas e prazerosas em nossas lojas e demais canais. Primeiro, acreditamos num varejo com causas. Segundo, valorizamos o humano. Não podemos proporcionar renda extra para os produtores em detrimento dos nossos colaboradores. Fazemos o possível para que eles tenham a melhor condição de trabalho nas lojas, dando-lhes os suportes da saúde e emocional necessários para tanto. Estes dois elementos são peças importantes na experiência que proporcionamos. Mais do que treinamento, é importante que as pessoas estejam engajadas, e nós sabemos muito bem o quão baixo é o nível de engajamento do colaborador brasileiro, e no mundo, com as organizações. A pandemia gerou novas prioridades. Os negócios que não têm compromissos socioambientais ou causas importantes no seu *core* já estão morrendo, pois a geração que chega quer trabalhar em causas, com propósito. As gerações mais novas querem fazer parte da mudança, que tardou, mas é necessária.

Ozemela. “A inclusão de mais mulheres, negros e pessoas LGBTQIA+ é movida mais pelo risco de reputação do que pelos benefícios proporcionados por um ambiente heterogêneo”, afirma.

A empresária ressalta que iniciativas de preservação do meio ambiente e de mitigação de emissões são implantadas de forma mais natural pelos negócios, enquanto o social é deixado em segundo plano. Se as questões ambientais e climáticas são essenciais para a vida na Terra, a diversidade dentro da empresa garante mais criatividade e potencial de inovação, pois pessoas de diferentes origens veem os desafios de formas variadas e podem contribuir com soluções alternativas. Serve também para desconstruir preconceitos e dar ao mundo corporativo a mesma coloração da sociedade.

O profissional de classe média do asfalto, por exemplo, pode não ter o conhecimento necessário para bolar uma campanha voltada ao público de moradores de favelas. “Para fazer as coisas diferentes, não dá para fazer sempre com as mesmas pessoas. Outros olhares são necessários”, sugere Valéria Café, do IBGC.

Luana, da Dima Consult, alerta que as empresas começam “a aceitar que existem diferenças”, mas não conseguem entender o potencial positivo destas em termos de desempenho. De acordo com ela, uma pesquisa recente mostra que mais de 90% dos investidores não trocariam rentabilidade por impacto social. A CEO, que trabalhou no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), cita uma iniciativa que participou para financiar negócios de empreendedores negros, mas não foi possível viabilizar o fundo, porque o mercado via o projeto como filantropia, e não como investimento.

Por entendimentos como este, a pauta ESG não pode ser vista como assunto de militantes



ou encarada como ato de caridade. Empresas sustentáveis são negócios com propósito, mas ainda negócios – e tendem a se tornar o padrão do mercado. “É um ativismo baseado em evidências”, adverte Luana Ozemela.

Recentemente, a empresária lançou o Roots Fund, em parceria com Oscar Decotelli, da DXA Invest, com objetivo semelhante ao do fundo planejado pelo BID. Se ninguém está disposto a sacrificar retorno em prol de impacto, então, os investidores precisam ser convencidos que os investimentos com recorte social são rentáveis. Luana destaca que pretende mostrar ao mercado o “ROI da diversidade” [a sigla ROI significa, em inglês, “retorno sobre o investimento”].

#### COOPERAÇÃO

A união de capital financeiro, investimento de impacto e rentabilidade é uma alternativa viável, na opinião de Carolina da Costa. Assim, grandes empresas podem viabilizar recursos

NO BRASIL, VEMOS DE TUDO. HÁ EMPRESAS AINDA NA ERA DA NARRATIVA, DE CONTAR UMA HISTÓRIA, E OUTRAS DESENVOLVENDO MECANISMOS SUPERINOVADORES, CENTRADOS NA ESTRATÉGIA DE INTEGRAR A CADEIA DE VALOR.

CAROLINA DA COSTA, sócia da gestora Mauá Capital para ESG e Novos Negócios e integrante do Comitê ESG da FecomercioSP

para promover mudanças ao longo da cadeia de fornecimento. Por exemplo, um agricultor que forneça matéria-prima para uma grande companhia tem condições de transformar o modelo de produção tradicional num mais sustentável. “A transformação demanda recursos. A empresa pode construir uma solução com o mercado por meio da qual ela se torne quase uma investidora de impacto, beneficiando a sua cadeia de valor”, ressalta a sócia da gestora Mauá Capital.

Este tipo de cooperação tem grande potencial, especialmente para as empresas que partilham de fornecedores em regiões vulneráveis, como a Amazônia. Na região, há muitos produtores que apoiam a floresta em pé, os quais devem ser incentivados.

O fato de a pauta estar sendo impulsionada, em grande parte, pelo fator financeiro não é visto como negativo. “As empresas vão ter de fazer a transição para continuar existindo no futuro”, observa o consultor Carvalhal. “Eu não acho que a motivação financeira seja necessariamente ruim se incentivar mudanças verdadeiras, profundas. Eu adoraria que fosse por amor, mas, pelo menos, estamos vendo acontecer”, declara.



CONHEÇA O TRABALHO DO COMITÊ ESG DA FECOMERCIO-SP. ACESSE PELO MEIO DO CÓDIGO QR

### Em extinção





**RENATO MEIRELLES,**  
fundador do instituto  
de pesquisas  
Locomotiva

APONTE O CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA EM VÍDEO



ESTE CONSUMIDOR,  
EMPODERADO DE TODO  
O SEU POTENCIAL DE  
CONSUMO, PASSOU A SER  
MUITO MAIS EXIGENTE.  
E UMA DAS PRINCIPAIS  
EXIGÊNCIAS DELE É SE  
VER REPRESENTADO NA  
COMUNICAÇÃO E NA  
ESTRATÉGIA DE NEGÓCIO  
DAS GRANDES EMPRESAS.

O



## NOVO MUNDO DIGITAL

ENTREVISTA JAIME SPITZCOVSKY



APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO

Foto: Divulgação

M

UMA NOVA ERA DA INTERNET E DA INOVAÇÃO COMEÇA A SE TORNAR REALIDADE: O METAVERSO, UM AMBIENTE DIGITAL NO QUAL OS MUNDOS FÍSICO E VIRTUAL SERÃO PRATICAMENTE UM SÓ. ESTA IMENSA TRANSFORMAÇÃO VAI PROVOCAR IMPACTOS PROFUNDOS NO MODO EM QUE VIVEMOS, CONSUMIMOS E NOS RELACIONAMOS COM AS PESSOAS E AS EMPRESAS, ONLINE E OFFLINE. “OS NEGÓCIOS INICIARAM UMA VERDADEIRA CORRIDA DO OURO PARA O METAVERSO”, EXPLICA **WALTER LONGO**, PUBLICITÁRIO E ADMINISTRADOR. ATUALMENTE, LONGO É UMA DAS VOZES MAIS IMPORTANTES NO DEBATE SOBRE INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL. NESTA ENTREVISTA, ELE EXPLICA O QUE DEVE ESTAR POR VIR E AS MUDANÇAS EM RELAÇÃO AO MUNDO VIRTUAL.

DIGITAL

**O SENHOR ABORDA DOIS CONCEITOS QUE PARECEM CRUCIAIS E QUE VALEM A PENA EXPLICAR: O QUE SÃO O METAVERSO E A ERA PÓS-DIGITAL?**

Vamos começar pela era pós-digital, que aconteceu no começo deste século, nos idos de 2005, e foi um período em que o digital era novidade e representava, de alguma maneira, excitação e medo. Isto é, a era digital é caracterizada por uma sensação dupla de excitação e medo, como com tudo que é novo. Foi um momento do mundo em que o meu telefone celular descobria a música que tocava no ambiente. Um gato no meu celular gritava comigo e eu gritava com ele, todo mundo ficava maravilhado. Aquele monte de novidades era algo que excitava. Era a possibilidade de possuir um telefone que, além de executar funções de telefone, fazia um monte de outras coisas. Mas, por outro lado, havia o medo de colocar o cartão de crédito em um site de e-commerce por receio de clonagem. Eu pegava esse mesmo cartão, colocava na mão de um atendente de bar, na praia, e ele podia tirar quantas cópias quisesse. Mas isso não me dava medo, porque não era novidade, eu já conhecia. Sempre que algo novo surge, esta sensação de excitação e medo acontece em todos nós. Quando os portugueses chegaram à costa

brasileira, os indígenas ficaram excitados com os presentes que recebiam e, ao mesmo tempo, com medo daquele pessoal com roupas estranhas. O que muda e caracteriza a era pós-digital? Exatamente o decréscimo de excitação e medo. Hoje, o tecnológico não gera mais excitação e medo. É algo cotidiano, que ninguém mais conversa ou discute. De certa maneira, o digital, hoje, para a grande maioria da população, é como o ar ou a eletricidade, só notamos quando falta. Há pouco tempo, chegávamos em um restaurante e ficávamos felizes quando havia Wi-Fi. Hoje, já perguntamos a senha, porque partimos do princípio da presença do Wi-Fi. Isso é o que caracteriza a era pós-digital, em que, além de armas digitais, todos nós temos de desenvolver uma alma digital.

**O QUE É UMA ALMA DIGITAL?**

Alma digital é gerir a nossa vida e os nossos negócios com base neste novo mundo. Significa transformar custos fixos em variáveis, alterar o organograma da empresa de uma arquitetura hierárquica para uma matricial, usar algoritmos na tomada de decisões e colocar mulheres no comando – já que elas são digitais, e homens, analógicos. Há uma enorme quantidade de coisas que podemos (e devemos) fazer para, efetivamente, a nossa empresa (ou a nossa vida) ganhar uma alma digital. O que nós chamamos de pós-digital é esta fase

**O DIGITAL, HOJE, PARA A GRANDE MAIORIA DA POPULAÇÃO, É COMO O AR OU A ELETRICIDADE, SÓ NOTAMOS QUANDO FALTA.**

do mundo na qual as armas digitais podem ser usadas para ganhar eficiência e produtividade, além de reduzir custos. É ganhar uma nova dimensão de possibilidades por meio de tudo que o digital trouxe para nós.

**E O METAVERSO?**

O metaverso é o que a gente chamaria de “internet 3.0”. A internet 1.0 é quando nós a utilizávamos para fazer negócios ou conhecer algum assunto e ter informações. A 2.0 foi a era das redes sociais, quando passamos a ter comunidades online, novos amigos e conhecimentos. A 3.0 é exatamente a chegada do metaverso, um termo que significa “ir além das possibilidades”. Nós vamos, de maneira imersiva, viver grande parte da nossa vida na internet. É muito interessante que, há uns 20 anos, eu dizia aos meus amigos: “Quando chegar em casa, à noite, vou entrar na internet”. Hoje, estamos nela o tempo inteiro. O metaverso é exatamente isto: nós vamos entrar na internet e ter uma vida paralela à nossa lá dentro. Um lugar em que não há limites para a pessoa realizar os seus sonhos e objetivos. É um ambiente onde tudo é possível e não há limite. É claro que tudo isso excita muito a população, a sociedade, e, por isso, neste momento, trata-se de um dos assuntos mais discutidos e comentados. É a possibilidade de haver uma vida paralela à sua, em que você vai poder estudar, frequentar shows, ir ao cinema, passear, encontrar-se com os amigos e trabalhar. Tudo o que fazemos aqui, na nossa vida física, será possível ser feito, daqui para a frente, dentro do metaverso.

**O QUE O MUNDO DO METAVERSO SIGNIFICA PARA OS OUTROS MUNDOS – O DOS NEGÓCIOS E DO VAREJO, POR EXEMPLO?**

Esta pergunta é muito importante porque dificilmente o metaverso teria este sucesso inicial ou esta excitação do mercado se apenas os usuários estivessem animados ou motivados. As empresas iniciaram uma verdadeira “corrida do ouro” para esse mundo. São milhares de empresas entran-

do diariamente para explorá-lo. Por que isso está acontecendo? Porque, paralelamente à evolução tecnológica – que nos leva ao metaverso –, houve um progresso do mantra corporativo ou do propósito das empresas. No ano 2000, discutíamos nos conselhos ou na cúpula de qualquer empresa, de qualquer tamanho, qual era o nosso negócio. O termo que usávamos era: “Vamos focar naquilo que fazemos”. Se eu chegasse no ano 2000 para uma empresa de seguro-saúde e dissesse a ela: “Que tal sermos sócios numa academia de ginástica?”, iriam pensar que fiquei louco. Como assim? o negócio da empresa é seguro-saúde. Em 2010, este mantra, objetivo ou propósito corporativo deixou de ser “qual é o nosso negócio” e passou a ser “quais problemas dos nossos clientes estamos resolvendo?”. Foi aí que começamos a perguntar sobre a dor do nosso público – e, talvez, já coubesse uma academia de ginástica dentro de um grupo de seguro-saúde. Em 2020, houve nova migração do mantra corporativo. Não é mais “qual é o nosso negócio?”, não é mais “qual problema estamos resolvendo?”, mas “quais sonhos dos nossos clientes estamos realizando?”. O metaverso surge como oportunidade única de poder realizar esses sonhos. Por isso essa “corrida do ouro”, das marcas e das empresas para dentro do metaverso.

**DE QUE FORMA AS EMPRESAS VÃO PODER ATUAR NESTE NOVO AMBIENTE?**

Em regras gerais, da mesma maneira que hoje atuam no mundo real. Um exemplo: o meu gênio digital, o avatar que vou construir para viver e conviver no metaverso, vai entrar em um shopping center dentro de uma das plataformas desse mundo. É tal como temos no mundo físico, cheio de lojas. O meu avatar vai entrar numa loja da Disney, olhar uma camiseta e falar: “Nossa, que legal esta camiseta!”. Então, vou comprar este item que, na verdade, só existe digitalmente, é um bem incorpóreo, e o meu avatar já vai sair da loja vestindo a camiseta. Depois, vou até a loja ao lado, da Nike,

e vou adquirir um tênis. Mas vou querer este produto para mim, no mundo físico. Então, o meu avatar vai comprar aquele tênis, e este será entregue na minha casa fisicamente, no dia seguinte. Logo, o mundo do metaverso não é separado do mundo físico. Haverá vezes em que nós vamos nos encontrar em um show do metaverso e, no dia seguinte, almoçarmos juntos num restaurante em São Paulo. Haverá dias em que vou trabalhar o dia inteiro dentro do metaverso e, no dia seguinte, irei ao meu escritório. Haverá aulas da minha faculdade que serão no metaverso e outras com presença física. Ao fim da semana, nem lembrarei se encontrei com você dentro ou fora do metaverso, porque será tudo junto e misturado. É aquilo que em psicologia chamamos de “dualidade inclusiva”, ou seja, parece que existem duas vidas, mas há só uma.

#### QUAL É O IMPACTO DA PANDEMIA NESTAS TENDÊNCIAS E NOS NOSSOS COMPORTAMENTOS EM RELAÇÃO AO MUNDO VIRTUAL?

A pandemia não criou um novo normal, mas antecipou coisas que já estavam acontecendo. Isto é, o velho normal já era suficientemente anormal, apenas não estava bem distribuído. Muita gente, antes da pandemia, já comprava por e-commerce, fazia telemedicina, estudava em escola virtual. Nós já falávamos ou fazíamos reuniões online, mas não era rotineiro, era exceção. O que aconteceu com a crise sanitária foi o maior teste global de ferramentas digitais que o mundo já teve. A partir disso, passamos a entender que dá para estar perto mesmo estando longe. Dá para falar com qualquer pessoa do planeta a qualquer hora e de graça, estudarmos o que quisermos e ir à profundidade desejada sobre qualquer assunto. Forçados pela pandemia, algo que nós faríamos apenas em alguns anos, acabamos fazendo em dois. Houve uma antecipação.

EM UMA ENTREVISTA DE 2019, VOCÊ UTILIZOU A EXPRESSÃO “ONOFF”. DIZIA QUE JÁ NÃO ERA MAIS A ESCOLHA “ON OU OFF”, MAS “ONOFF”... A ideia do “onoff” evoluiu para o “omnichan-

nel”: daqui para a frente, as pessoas não querem optar entre comprar no e-commerce ou na loja física. Há quem queira comprar no site e retirar na loja; ir à loja, comprar e receber em casa; comprar na loja e retirar na loja; e comprar em casa e receber em casa. Existem múltiplas maneiras de as pessoas buscarem a satisfação da sua forma de consumo, o que nos leva a um novo tripé que deve ser usado pelas empresas que buscam sucesso, principalmente no comércio: simplicidade no acesso a produtos e serviços, flexibilidade nos processos e individualidade na relação. É necessário oferecer ao mercado e ao público o jeito mais fácil, simples e acessível de adquirir e comprar o produto para cada pessoa. Para isso, temos de ser flexíveis no processo, oferecer todo o tipo de opção para a compra e tratar pessoas diferentes de maneira diferenciada. Um cliente que frequente minha loja todo mês deve ser tratado de maneira diferente da pessoa que entrou pela primeira vez – e aí entra toda a diferenciação e a individualização da comunicação por meio do Big Data. O metaverso oferece esta possibilidade de uma maneira muito mais fácil do que no mundo físico. Por isso, mais uma vez, o metaverso gera muito interesse por parte das pessoas e das empresas como um novo fenômeno digital emergente.

#### COMO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS SE ENCAIXAM NESTA REALIDADE?

Encaixam muito mais do que as grandes empresas. É evidente que as grandes são as que embarcam primeiro nas novas tendências, é natural. Mas quem vai aproveitar muito mais o metaverso, em toda sua extensão, será uma pequena, micro ou média empresa, e não a grande.

#### COMO ASSIM?

Há uma empresa em São Paulo chamada Brazilian Bikini que montou uma loja virtual no Avakin Life [jogo eletrônico interativo]. A empresa é o marido, a mulher e cinco costureiras. Eles vendem moda praia nesta loja dentro da



Avakin Life para 60 países, sem sair de casa. Isto é, um comprador de Singapura vê a loja, entra no metaverso, entra na loja, compra o biquíni, pede para a costureira que está na máquina, e ela faz o biquíni, embala o produto na caixa do Sedex e o envia a esse comprador. Há alguns anos, isso seria impossível. A empresa teria, no máximo, a chance de vender para a região onde está instalada, e não para o mundo inteiro. O metaverso abre a possibilidade de pessoas do planeta todo entrarem na sua loja. O Boticário abriu uma loja no Avakin Life e, em questão de meses, recebeu 9 milhões de visitas. Nove milhões de pessoas do mundo inteiro que O Boticário agora sabe quem são – e com quem a empresa vai poder se comunicar quando abrir uma loja em algum outro lugar, seja física (em Portugal, por exemplo), seja online (em uma outra plataforma do metaverso). É importante entender que, hoje em dia, empresa grande quer agir como pequena, mas, infelizmente, a pequena continua com vontade de ser grande, o que é um gigantesco equívoco mental. As pequenas têm uma enorme vantagem competitiva, porque não há o legado, contam com poucas lojas e podem se

lançar de uma maneira mais corajosa no metaverso. É muito mais barato para elas entrarem, pois têm o mesmo nível de acesso à informação das grandes, acesso a financiamentos e, principalmente, acesso global. Quando vou a uma cidade qualquer e faço uma palestra, alguém chega e diz: “Walter, gostei muito da sua palestra, pena eu morar numa cidade tão tacaña, mentalidade pequena”. Eu respondo: “A cidade não é tacaña, você que está sendo tacaño em achar que tem de vender apenas na sua cidade”. Se você tem uma agência de propaganda em São Luís do Maranhão e um serviço criativo, bom e barato, pode conquistar clientes em qualquer lugar do mundo, seja em São Paulo, seja em Nova York. Se uma loja em Foz do Iguaçu quer vender produtos em São Luís, basta entrar no metaverso e abrir um *web commerce*. O mundo digital escancarou as portas para as empresas pequenas, dando todas as vantagens de ser pequena, que é a flexibilidade e a adaptabilidade, e, ao mesmo tempo, todas as vantagens de empresas grandes: alcance e acesso a clientes em qualquer lugar do mundo. O metaverso é apenas o aprimoramento desta tendência.

**MUITO SE FALA EM TENDÊNCIAS DESGLOBALIZANTES, EM QUE HAVERIA MAIS TARIFAS ALFANDEGÁRIAS, OS PAÍSES TENDERIAM A FICAR MAIS PROTECIONISTAS. ISSO É VIÁVEL OU A GLOBALIZAÇÃO, DEFINITIVAMENTE, É UM CAMINHO SEM VOLTA?**

A globalização é um caminho sem volta. Contudo, a pandemia nos ensinou as necessidades da interdependência e da interoperabilidade em uma autonomia segura. Não faz sentido 80% das moléculas de remédio serem produzidas na China ou na Índia. Não faz sentido termos carros parados nos pátios de fábricas do mundo inteiro só porque está faltando algum processador produzido apenas em determinado país. Em busca de uma economia de escala e de mão de obra barata, nós esquecemos que a globalização é um caminho sem volta, mas que a autonomia é fundamental. Não pode haver dependência em relação a alguns países-chave que se transformaram em produtores do mundo. Haverá uma reindustrialização nacionalizada com a troca equânime de produtos e serviços. Não faz sentido produzir tudo aqui, mas também não faz sentido produzir tudo lá. É na troca entre o que eu produzo aqui e o que ele produz lá que nós teremos uma economia de escala mais favorável. Então, eu não diria que seja o fim da globalização, mas uma certa sintonia fina do que significa globalização.

**COMO TOMAR DECISÕES EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO?**

Toda vez que o mundo, ou nosso ambiente, entra em um módulo de mudança acelerada, é muito mais difícil tomar decisões. De alguma maneira, acabamos nos tornando vítimas do critério, o que prejudica a capacidade de tomar decisões. Como se não bastasse, a velocidade em que temos de tomar decisões aumenta, o que reduz o tempo necessário para que se faça o julgamento de valor de maneira mais assertiva. Há um mundo que muda o tempo inteiro, e as premissas que eu tinha para julgar determinadas coisas se tornam obsoletas ou diferentes. Por outro lado, há um volume de decisões diárias que não me dá tempo de pen-

sar de maneira mais detalhada sobre aquilo. Hoje em dia, nós tomamos 25 vezes mais decisões do que tomávamos na década de 1980. Eu não estou falando da Pré-História. Antigamente, havia duas classes de cadeiras no avião. Agora, há oito: econômica, econômica super, econômica *comfort* e por aí vai. Chegávamos a uma reunião e tomávamos o café do bule, todo mundo tomava a mesma bebida. Agora, a Nespresso oferece diversos tipos de café: o meu é *ristretto*; o seu, *leggero*; de alguém, pingado ou carioca etc. Antigamente, eu assistia ao filme que a televisão passava às oito da noite no sábado. Agora, eu posso escolher 1 milhão e meio de filmes na Amazon Prime, na Netflix e na Apple TV+. Tudo agora depende da nossa escolha e da nossa decisão. E quanto mais decisões tivermos de tomar, maiores as chances de nos equivocarmos. Para que a gente possa tomar decisões mais corretas para uma empresa, existe um tripé que recomendamos para o momento: conhecimento, crença e expectativa. Quanto maior for o conhecimento, maior a chance de decidir corretamente sobre aquele problema, aquela pessoa. O pouco conhecimento é pior do que o não conhecimento, porque nos dá uma sensação de certeza falsa. A barra do conhecimento deve ser a mais alta possível. A crença e o preconceito, ao contrário, devem ser os mais baixos possíveis para uma decisão isenta. Em relação à expectativa, esta não pode ser nem alta, nem baixa, tem que ser média. Aí a chance de acertar nas decisões é maior, num mundo em transformação.

**GOSTARIA QUE O SENHOR COMENTASSE SOBRE O CONCEITO DE ADUCATION.**

Trata-se de um movimento que vai integrar o poder do marketing com o propósito da educação. O nome “Aducation” tem a ver com esta união entre *advertising* e *education*, daí o termo. Na verdade, chamamos o Aducation de “quarta onda da propaganda”. Se voltássemos às décadas de 1960 e 1970, veríamos que as propagandas eram focadas no atributo e no que o produto podia fazer por você (ou por nós). Era uma garota-propaganda que, duran-

te três minutos, explicava como funcionava um liquidificador ou um aspirador de pó. Ela demonstrava e enfatizava os atributos do item, como a limpeza do chão. Era vendido o propósito de uma vida melhor por meio dos atributos desta mercadoria. Na década de 1980, todo mundo já sabia como funcionava um aspirador de pó ou um processador de alimentos. Então, houve um novo movimento que chamamos de “segunda onda da propaganda”, em que era enfatizada a marca do produto, e não o seu atributo. No ano 2000, começamos a perceber que ninguém estava prestando atenção nos intervalos comerciais ou nas páginas de propagandas [*nos jornais*]. As pessoas compravam uma revista para ler o artigo e assistiam à televisão pelo programa. Começamos a terceira fase da propaganda, que foi a produção de conteúdo pelas marcas. Foi a época do *merchandising* das novelas, por exemplo. O que importava era integrar marcas e produtos dentro da trama ou do enredo do conteúdo. Por volta de 2015, uma quarta onda se iniciou: a do propósito. Nós começamos a definir quais marcas precisam de um objetivo, empresas que devem ter uma missão clara e definida – e se eu me identifico com o propósito daquela empresa, vou passar a ser mais fiel àquela marca ou àquele produto. Nessa

quarta onda, a educação passou a ser uma das formas de fidelizar clientes, público final ou intermediário. Estamos vendo marcas de café que criam um curso de barista para quem tem interesse em saber mais sobre as qualidades da bebida. Empresas que vendem colchões e travesseiros mostram às pessoas o risco de dormir mal ou pouco. A Aducation, portanto, nada mais é do que uma forma de exercer essa quarta onda da propaganda, em que o propósito das empresas ganhou relevância. E esse objetivo se transforma em atividade útil para a sociedade, por meio da educação propiciada por marcas e empresas.

**NESTE SENTIDO, UM DOS TEMAS CENTRAIS É A DISCUSSÃO DA NOSSA IDENTIDADE, QUEM SOMOS ENQUANTO PAÍS E SOCIEDADE. QUEM SOMOS NÓS? QUE PAÍS É O BRASIL?**

É um país admirado e admirável. Talvez nós, brasileiros, não tenhamos noção do potencial a ser explorado por este país, de gente muito boa, mas que pensa pequeno. Não há uma marca efetivamente global brasileira, enquanto existem dezenas de marcas suíças, milhares de norte-americanas, centenas de chinesas e milhares de japonesas. Até marcas globais colombianas já existem, e nós não temos. A desculpa de que nunca fomos globais porque o Brasil é muito grande também não é verdade. É muito importante entendermos que o nosso potencial como nação, como qualidade criativa, qualidade de seres humanos que somos, inteligentes, bem-humorados e felizes – apesar de todas as vicissitudes –, é um potencial fantástico a ser explorado.

**DANIELA CACHICH,**  
presidente da unidade  
de negócios Future  
Beverages and Beyond  
Beer da Ambev

APONTE O CELULAR PARA  
ESTE CÓDIGO QR E ASSISTA  
À ENTREVISTA EM VÍDEO



QUANDO VOCÊ  
ENTENDE O QUE  
MOVE AS PESSOAS,  
AS SUAS DORES, AS  
SUAS TENSÕES E OS  
SEUS DESEJOS, A  
NARRATIVA DA MARCA  
FICA MAIS FORTE.



PARA **FRAN WINANDY**, PROFESSORA E ESPECIALISTA EM DIVERSIDADE ETÁRIA, EMPRESAS MAIS EMPÁTICAS E FLEXIBILIZAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO SÃO ESSENCIAIS PARA VENCER O PRECONCEITO E O DESEMPREGO DE UMA POPULAÇÃO CADA VEZ MAIS IDOSA, MAS EM PLENA FORMA PARA O CONVÍVIO SOCIAL.



APONTE O CELULAR  
PARA ESTE CÓDIGO  
QR E ASSISTA À  
ENTREVISTA EM VÍDEO

## O PARADOXO DO ENVELHECIMENTO

ENTREVISTA RODOLFO BARTOLINI

COMO A SOCIEDADE BRASILEIRA ENXERGA O ENVELHECIMENTO: UMA CONQUISTA OU UM PROBLEMA?

Por um lado, como uma conquista, porque vamos viver mais. Mas, por outro, temos muito medo do envelhecimento, pois sabemos que o idoso no Brasil, como em outros lugares do mundo, é visto como descartável e inútil. Há um problema quando começamos a pensar em questões relacionadas a isso, como desemprego, preconceito e invisibilidade. As pessoas estão, ao mesmo tempo, felizes em envelhecer, mas preocupadas com o que isso pode trazer.

COMO O IDOSO SE VÊ HOJE?

Qual é o grande medo das pessoas? Primeiro: viver muito tempo e não saber como será esta velhice. Um grande medo é a dependência: financeira, [de assistência de] saúde etc. Queremos envelhecer, mas bem. Os países desenvolvidos enriqueceram antes de envelhecer. O Brasil, não.

COMO AS EMPRESAS PODEM FAZER ESTA INCLUSÃO DE UMA MANEIRA REALMENTE EFETIVA?

A primeira medida é lutar contra o etarismo, que está no tecido da nossa sociedade. As pessoas ainda acreditam que somos um país jo-

vem, mas não somos. As empresas não estão se planejando para esse envelhecimento da população. Não vamos ter onde encontrar jovens talentos como estávamos acostumados. Teremos de contratar pessoas de 50, 60 ou 70 anos. Hoje, menos de 1% das contratações é formada por pessoas acima de 60 anos. É preciso um trabalho muito grande para mudar isso.

QUAIS OS MAIORES GANHOS EM EQUIPES MISTAS, INCLUSIVE COM DIVERSIDADE ETÁRIA?

As equipes intergeracionais são fundamentais em uma empresa. Primeiro, pela transferência de conhecimento. Pesquisas mostram que a maior parte das pessoas que saem de uma empresa não se dá ao trabalho de passar o seu conhecimento para alguém. Quando se fala em diversidade etária, há maior envolvimento das equipes e representatividade. Como vou ter empatia com meu cliente 50+, por exemplo, se não tenho ninguém dentro da organização que se coloque no lugar dele, que pense como ele, que desenhe produtos e serviços para ele? Esta faixa de 50+ é a que mais cresce no Brasil. Se pensarmos na “economia prateada”, que é direcionada à população acima de 50 anos, estamos falando, no Brasil, de R\$ 2 trilhões. Agora, não é algo que possa ser feito sem planejamento e estruturação.

COMO INCLUIR UMA PESSOA 50+ DE UMA MANEIRA SAUDÁVEL NO AMBIENTE DE TRABALHO?

As empresas tendem a colocar todos dentro do mesmo molde, e muitas pessoas acima de 60 anos querem trabalhar, mas topam um modelo diferente. Elas gostariam de continuar trabalhando, só que três vezes por semana, por exemplo, ou no esquema de meio período, mais flexível, diferente. As pessoas querem se manter ocupadas, ter desafios, trabalhar, com integração intergeracional. Querem complementar a renda. A empresa diz: “Como eu vou trazer uma pessoa de 60 anos para dentro da minha assistência médica?”. Normalmente, essa pessoa já tem uma assistência médica. Se você der uma ajuda de custo, será fantástico. As em-

presas precisam pensar em formatos diferentes para a inclusão.

QUANTO À “ECONOMIA PRATEADA”, QUAIS AS PRINCIPAIS RECLAMAÇÕES EM RELAÇÃO AOS PRODUTOS? O PÚBLICO 50+ É FIEL A MARCAS. COMO ELE SE COMPORTA?

É necessário, por exemplo, rótulos melhores nas embalagens, com letras maiores. Também é necessário mais facilidade para abrir os produtos. As mulheres reclamam que não encontram roupas adequadas para 50+. Não existe alguém pensando no que essa nova mulher quer. As empresas não estão preocupadas em ouvir esses públicos feminino e masculino, tanto para serviços como para produtos. Todos os clientes querem coisas direcionadas.

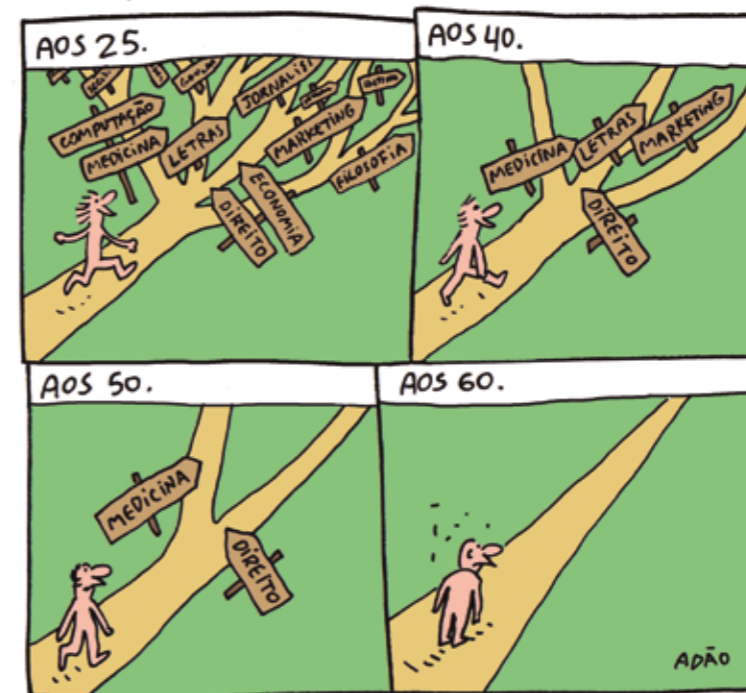
O SETOR DE TECNOLOGIA TAMBÉM DEIXA A DESEJAR?

Recentemente, fiz uma palestra para um público entre 70 e 80 anos. As pessoas me trouxeram exemplos de dificuldades com tecnologia, com aplicativos, coisas de banco etc. Primeiro, não é fácil para todo mundo. Segundo, não é todo mundo que quer; existe esta coisa de querer obrigar todo mundo a fazer do mesmo jeito. As empresas também não se preocupam em treinar as pessoas. Há um caminho muito longo nesta questão da tecnologia em relação à idade.

COMO OS SETORES PÚBLICO E PRIVADO PODERIAM TRABALHAR JUNTOS PARA UM MELHOR ATENDIMENTO AO PÚBLICO 50+ NO BRASIL? QUAL É SUA EXPECTATIVA DE FUTURO PARA NÓS ENQUANTO PAÍS?

Em Singapura, que enfrentou algumas questões muito parecidas com o Brasil em termos de envelhecimento rápido da população, o governo e as empresas se juntaram para tentar resolver. Precisamos de flexibilização legal para que as empresas possam contratar essa faixa etária de uma maneira mais fácil. O Brasil está envelhecendo, e precisamos de emprego. O que pode ser feito para que as empresas contratem pessoas mais velhas? Não é um negócio difícil. É necessário boa vontade.

### MERCADO DE TRABALHO









**PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP**

Abram Szajman

**SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP**

Antonio Carlos Borges

**TUTU** | agenciatutu.com.br

**DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA**

Demian Russo

**DIREÇÃO CRIATIVA**

Clara Voegeli e Demian Russo

**DIREÇÃO DE CONTEÚDO**

Elisa Klabunde

**REDAÇÃO**

**EDIÇÃO E DIREÇÃO EDITORIAL**

Lucas Mota MTB 46.597/SP

**ASSISTÊNCIA DE EDIÇÃO**

Eduardo Ribeiro

**COLABORAÇÃO**

Alexandre Rocha, Marco Chiaretti, Marcus Lopes, Pâmela Nascimento e Vinicius Mendes

**REVISÃO**

Flávia Marques

**DESIGN**

**COORDENAÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE**

Carolina Lusser

**EDIÇÃO**

Alberto Lins, Débora Faria, Joélson Buggilla, Paula Seco, Yana Parente

**DESIGNERS**

Estêvão Vieira, Jônia Caon, Igor Marques, Maria Fernanda Gama e Annima de Mattos

**PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES**

Paula Seco

**CAPA**

Paula Seco e Joélson Buggilla

**TV**

**COORDENAÇÃO DE TV E DIRETOR DE CONTEÚDO**

Guilherme Baroli

**CONSULTORIA DE CONTEÚDO**

André Rocha

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**

Fernando Sacco

**RELAÇÕES PÚBLICAS**

Maria Izabel Collor de Mello

**EDIÇÃO DE CONTEÚDO**

Rodolfo Bartolini

**ENTREVISTAS**

Humberto Dantas, Jaime Spitzcovsky, Juliana Rangel, Joyce Ribeiro, Mônica Sodré, Renato Galeno, Rodolfo Bartolini e Sabine Righetti

**CHARGES**

Adão Iturrugarai, Benett, Jean Galvão e Kleverson Mariano

**IMAGENS**

**DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA**

André Carvalho

**CÂMERAS**

André Carvalho, Arnaldo Blume Filho, Maurício Demutti e Paulo Constantino dos Santos

**ASSISTENTE DE CÂMERA**

Luiz Venâncio

**EDIÇÃO DE IMAGENS**

André Carvalho e Fábio Nicolodi

**ÁUDIO**

Vinicius Criscolo Trigo e Luiz Venâncio

**TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

Nilson Netto e Eder Marques

**TRADUÇÃO E LEGENDAS**

ETC Filmes

**AGRADECIMENTOS**

Brazilian Student Association (BRASA)

Movimento Voto Consciente

Instituto Movimento pela Felicidade

8º Encontro Internacional pela Felicidade e Bem-Estar

**FALE COM A GENTE**

publicacoes@fecomercio.com.br

**IMPRESSÃO**

PIGMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP – Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Um Brasil: análises e soluções para modernizar o país:  
volume 9/Federação do Comércio de Bens, Serviços  
e Turismo do Estado de São Paulo – Fecomercio. –  
1ª. ed. – São Paulo: D.H. Russo – Produções, 2023.  
ISBN 978-65-993180-3-0

1. Brasil – Aspectos sociais 2. Desigualdade – Brasil  
3. Economia política 4. Gestão pública 5. Inovação  
6. Sustentabilidade I. Federação do Comércio de Bens,  
Serviços e Turismo do Estado de São Paulo – Fecomercio.

22-138026

CDD-301.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Sociologia 301.0981

REALIZAÇÃO



[WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM)



@canalumbrazil

